

ILUSTRAÇÃO

N.º 294 — 13.º ano



João de Deus

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma chavena d'
'OVOMALTINE'

*pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.*

À venda em todas as Farmácias, Drograrias e Merccearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. - BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) - RUA DOS CORREIROS, 41-2.º - LISBOA

**GRAVADORES
IMPRESSORES**

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

Sucesso de livraria:

PRIMEIRO PRÉMIO

De romances em língua francesa no Concurso Internacional de romances sobre o bolchevismo

O Império dos Sem-Deus

POR PIERRE CROIDYS

Romance de costumes soviéticos

No concurso constituído por ilustres escritores ingleses, alemães, espanhóis, russos e belgas, presidido por Henry Bordeaux, da Academia Francesa, foram apresentados cento e nove manuscritos, sendo cinquenta e um franceses. O júri, após 17 meses, que foi o tempo que levou a ler todos êsses originais, concedeu o 1.º prémio ao romance *L'Empire des Sans-Dieu* de Pierre Croidys.

1 vol. de 320 págs., ilust. com 11 grav.

e o retrato do autor, broc. **12\$00**

Pelo correio à cobrança . **13\$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Horas sem sofrer...

Horas felizes

Ela tem a certeza absoluta disto e vive, por conseguinte, uma vida livre de dores. E é tão simples eliminar completamente a dor, a inimiga nata da alegria!

Um ou dois comprimidos de

Cafiaspirina

corfam em poucos minutos as dores de cabeça e de dentes no seu inicio e sentimo-nos de novo bem dispostos e animados.

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17\$00; broch., 12\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA, a SCIÁTICA**
OS REUMATISMOS

Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidet da sua accão.

À venda em todas as Pharmácias e
Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. Banaboião, anacoreta e mártir

nov. romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. **12\$00**

Pelo correio à cobrança . . Esc. **13\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** - R. Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O galante século XVIII

Textos do **CAVALEIRO DE OLIVEIRA**

1 vol. de 324 págs., broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr. Sára Benoit** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca**.

Um formosissimo volume
ilustrado . . . **6\$00**

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75-LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR **ISALITA**

1 volume encader. com 351 págs.
25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A visita da Divisão Naval Italiana

No Palácio de Belem, ao ser recebido pelo sr. Presidente da República, o almirante Maraghini declarou «ter a maior honra em saudar na ilustre pessoa do sr. general Carmona a Nação portuguesa renovada e engrandecida. Nação de tradições gloriosas, à qual a divisão do seu comando trazia as saudações mais cordiais e mais respeitadas da nação italiana e da sua armada».

Vem a propósito citar o valor militar dos navios que nos visitaram.

Os dois cruzadores podem ser considerados como sendo dos mais modernos barcos da sua classe em todo o Mundo. Têm inovações curiosíssimas, algumas mesmo mantidas secretas, como é natural. São, por exemplo, dos últimos

modêlos os dispositivos de catapultagem de hidro-aviões e de lançamento de minas. Cada navio pôde transportar quatro hidro-aviões, mas agora cada um traz apenas dois aparelhos.

Há de tudo a bordo: cinema sonoro, rede telefónica, alto-falantes para tôdas as instalações a-fim-das ordens chegarem mais rapidamente, uma enfermaria modelar, lavandaria automática, padaria eléctrica, um frigorífico do tipo utilizado nos mais modernos transatlânticos, etc. O sistema de ventilação é completo, permitindo uma vida agradável em climas torridos.

A guarnição total da divisão é de cerca de 1.250 homens. Cada cruzador tem 37 oficiais de Marinha e da Aeronáutica e cerca de 100 sargentes.

São barcos de 7.874 toneladas, medem 187 metros de comprimento, por 18,59 de largo, e têm máquinas com 100.000 cavalos de força.

O armamento e a velocidade são as suas mais notáveis características.

Dispõem, cada um, de 10 canhões de 152 mm.; 8 de 100 mm., anti-aéreos; 8 de 37 mm., anti-aéreos; 8 metralhadoras, também contra aviões; 6 tubos lança-torpedos e dispositivos para lançamento de minas.

A distribuição da artilharia principal obedece a um tipo novo: 6 canhões em duas tôrres triplas e 4 em duas tôrres duplas.

A velocidade máxima destes navios é de 35 a 37 milhas horárias, o que constitui um facto notável em navios desta classe.



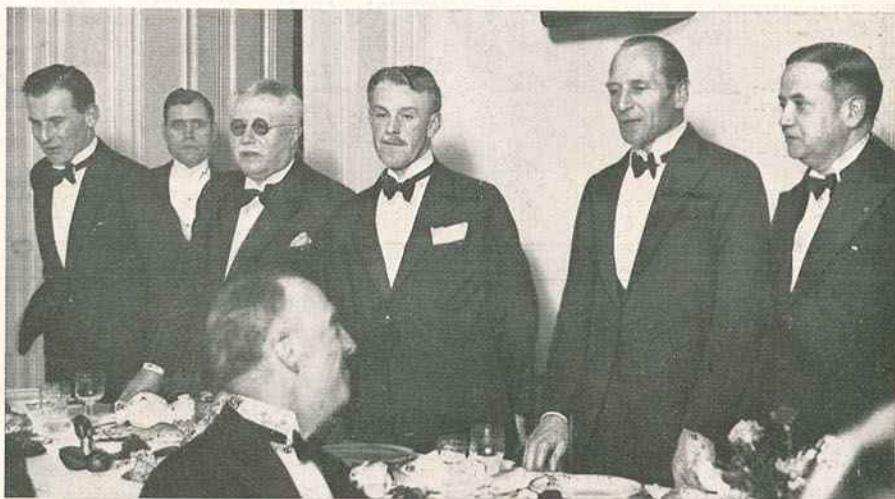
O sr. Presidente da República ao receber no Palácio de Belem o sr. ministro de Itália e os altos comandos da esquadra italiana

ACTUALIDADES

DA

QUINZENA

O sr. embaixador da Inglaterra, ladeado pelos chefes das Missões inglesa e portuguesa, na presidência do banquete oferecido em honra dos oficiais das duas missões e da esquadilha de submarinos ingleses, no Club Inglês



O sr. dr. João Couto (+) novo director do Museu Nacional das Janelas Verdes, com algumas das pessoas que assistiram à cerimónia da posse do seu cargo. A' direita: A esposa do Chefe do Estado com a direcção do Orfeão Académico de Lisboa de que é madrinha



O sr. ministro da França visitando a exposição de quadros de Italo Giordani. — A' direita: Oficiais ingleses e portugueses na base de Belem a-fim-de assistirem a exercicios de dois submarinos portugueses

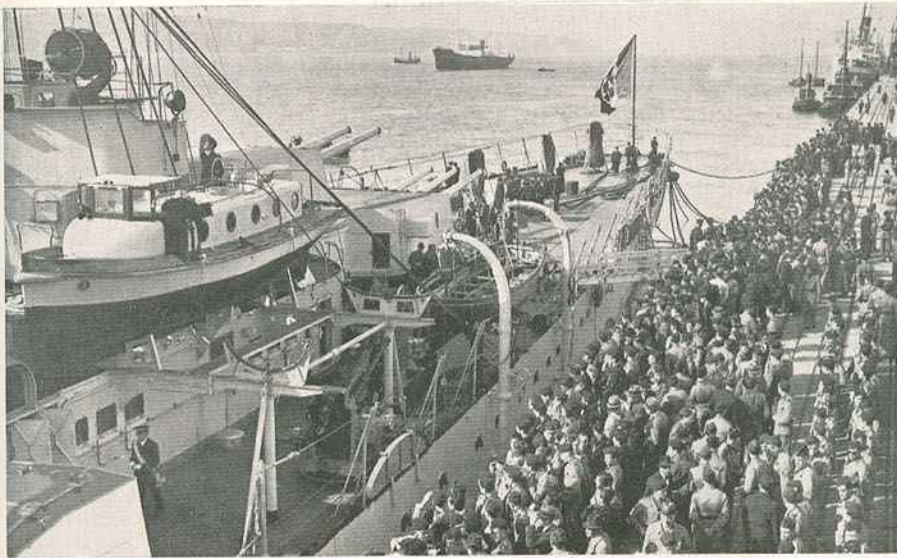


O sr. almirante Woodhouse presidindo ao banquete oferecido pela missão militar britânica em honra dos oficiais da missão portuguesa. Ao champagne usaram da palavra os srs. almirante Woodhouse e brigadeiro Miranda Cabral que beberam pelas prosperidades de Portugal e da Grã-Bretanha

A VISITA

DA

ESQUADRA ITALIANA



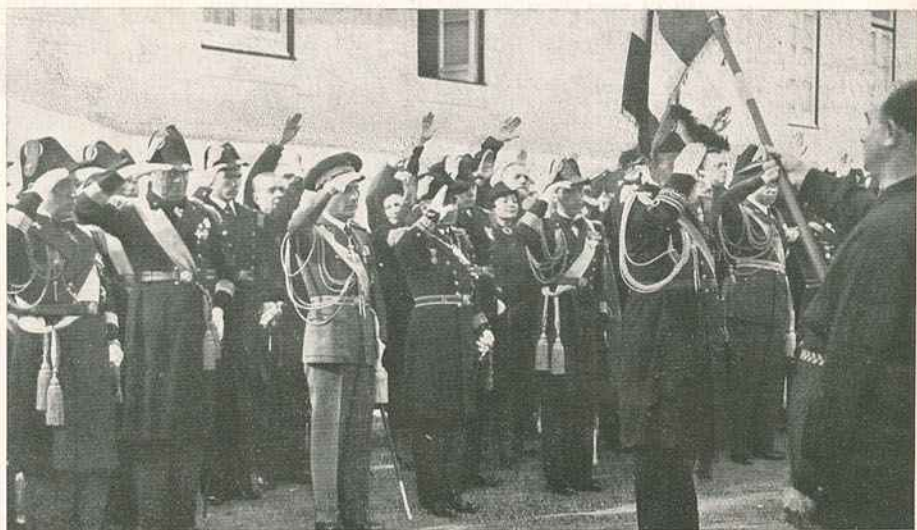
A multidão assistindo à atracação dos cruzadores italianos. — *Ao centro*: missa na igreja do Loreto a que assistiram o almirante Maraghini e os oficiais dos dois cruzadores. — *Em baixo*: assistência ao banquete oferecido ao almirante Maraghini pelo adido militar italiano.



ILUSTRAÇÃO

A VISITA DA ESQUADRA ITALIANA

A continência ao monumento. — Marinheiros italianos desfilando perante o monumento aos mortos da Grande Guerra. — O Chefe do Estado e o Presidente do Conselho, ministro da Marinha, ministro da Itália e os restantes convivas ao banquete oferecido no palácio de Belém



JOÃO DE DEUS E A "CARTILHA MATERNAL"



Há quarenta e três anos — feitos no dia 8 do corrente — os estudantes portugueses consagraram o lírico sublime do "Campo de Flores," que o grande Camilo considerou "o herdeiro do melhor ouro de Camões e Bernardino Ribeiro."

As anedoctas e excentricidades da sua vida de estudante ainda hoje são lembradas com saúde nessa Coimbra de tão nobres tradições académicas.

Uma vez que, como outras, João de Deus perdeu o ano por faltas nas aulas, sucedeu que sorte igual tiveram mais dois estudantes, um dos quais, pelas compridas barbas loiras que usava, era conhecido entre os camaradas pelo "Cristo", e o outro por "Santa Marta", em virtude do seu apelido de família.

Quando foram anunciar ao poeta a decisão do conselho da faculdade, decretando a perda de ano para os três, êle limitou-se a exclamar com a maior tranquillidade:

"— Mas essa gente constitue-se em rebelião contra a côrte do ceu, pois que assim ousa fulminar de um só golpe — Deus, Cristo e Santa Marta!"

Os seus muitos ditos chistosos e inéditos, que vivem ainda na memória dos raros contemporâneos que ainda existem, e as suas famosas sátiras daquêl tempo, dão testemunho evidente da copiosíssima *verve* do festejado académico que era, como um dos seus biógrafos o definiu, "o verdadeiro tipo do estudante de que rezava a trova:

*Estudante, mangante,
Chapeu de alquidar...*

Concluída a formatura, permaneceu João de Deus ainda dois anos em Coimbra, custando-lhe a desprender-se da sua querida e descuidosa "vida airada," que tão bem se casava com as tendências do seu espírito simples e desambicioso. Os sete anos seguintes passou-os êle na província, ora na sua terra natal, ora nalgumas cidades do Alentejo, caçando, poetando e escrevendo artigos vários para os periódicos locais.

A primeira edição das "Flores do Campo" coincidiu com a sua eleição de deputado por Silves. Enquanto os seus ami-

gos e comprovincianos Garcia Blanco e Domingos Vieira lhe andavam tratando desveladamente da candidatura, julgando assim abrir novos horizontes ao talento do poeta, e querendo evitar o seu estiolamento nos acanhados limites da vida provinciana, saía, um dia, João de Deus, em peregrinação *demolidora*, montado num burro, e pedindo a todos os que encontrava pelos caminhos, — que não votassem nêle, acrescentando que "aquilo eram coisas do Domingos e do Garcia".

E tinha razão. Aquilo eram efectivamente bons desejos dos seus amigos; mas o espírito límpido e justo do poeta devia sentir-se singularmente deslocado e contrafeito no ambiente da política, tão propício aos ambiciosos, irrequietos, e astuciosos, e tão avêso aos caracteres simples, modestos e bons.

Conta-se que, uma vez, tendo vindo a Lisboa uma mulher do Algarve, que se dizia ventríloqua, foi o marido dela procurar o poeta para lhe pedir conselho e protecção sôbre o melhor meio de poder tirar alguns proventos da exhibição daquella prenda conjugal. João de Deus aturou o homenzinho com a inalterável complacência com que atendia a todos que o procuravam, especialmente os pobres e humildes; mas quando o marido empresário lhe pediu licença para lhe apresentar a esposa fenomenal deu-lhe então o poeta a seguinte resposta, iluminada pelo seu sorriso bondoso:

"— Olhe, meu caro amigo, as mulheres são por via de regra faladoras; ora a sua, além de mulher, é algarvia, e de mais a mais fala por dois lados... Não sei se terei tempo para a atender."

Era assim, gracejando umas vezes, outras triste e concentrado, mas sofrendo sempre resignado na sombra os golpes da adversidade, que o poeta ia vivendo a vida obscura e atribulada, esquecido e como que abandonado pela sociedade que, volvidos muitos anos, se sentiu de repente apaixonada pelo seu talento, e

se pôs a divinizar-lo com um frenesi e um ruído talvez um pouco... forte para a melindrosa sensibilidade do poeta, já a êsse tempo alquebrado e doente.

No meio de tôdas as suas tribulações um grande pensamento germinava na cabeça de João de Deus, pensamento cuja realização devia immortalizar o seu nome, tanto quanto o immortalizaram os seus esplêndidos versos.

Era uma simplificação amorável do ensino da leitura ministrado às criancinhas, era um acabar de vez com os processos rotineiros que faziam dessa aprendizagem o verdadeiro flagelo da infância, a qual consumia anos de tédio e de martírio nessa tarefa improba e esterilizadora. Êsse pensamento genial e humanitário, êsse altíssimo benefício pelo qual a sociedade portuguesa lhe é devedora de perdurável gratidão, conseguiu João de Deus realizá-lo triunfantemente com a elaboração da sua "Cartilha Maternal", que foi publicada pela vez primeira em 1876.

Para o autor era esta, e só esta, a sua grande obra. As magníficas produções do seu engenho poético, essas tratava-as êle de resto. Chamava-lhes desdenhosamente *uns versinhos*.

Mas para conquistar o triunfo, quantos trabalhos!

Só em 1888 é que o Parlamento se lembrou de que era já tempo de salvar o País da vergonha de deixar viver nas precárias condições em que, desde tantos anos, se encontrava um homem que tão valiosos serviços havia prestado à literatura pátria e à instrução popular. Foi votada então uma lei criando para João de Deus o lugar de comissário geral do método de leitura "Cartilha Maternal", com um vencimento condigno.

Já lá vai meio século.

Camilo disse: "João de Deus devia ter começado por onde acabou; primeiro ensinar a ler o país, e depois publicar os seus deliciosos poemas."





Um recanto de Paris («croquis» de Augusto Santo)

AGUSTO SANTO foi um escultor desventurado como a maior parte deles, em Portugal. Desde os autores dos nossos melhores túmulos antigos,

que quedaram anónimos para a História da Arte Portuguesa, até ao mais moderno dos nossos contemporâneos, vai um rol de infortúnios e de incompreensões; só a labareda pertinaz dos temperamentos, pode explicar a teimosia ou milagre daqueles que se abalançam às lutas com a ilusão e com as matérias. A maioria dos escultores portugueses, ou tem morrido de fome ou de desânimo. Quem se der, como eu me tenho dado, ao cuidado de estudar a obra e a vida dos conhecidos e dos ignorados da glória, só topa tragédia, só topa amarguras, só descobre a desgraça a armar corças de louros aparentes, com outras de espinhos, enroscadas e ocultas.

Augusto Santo, discípulo de Soares dos Reis, desapareceu um dia da recordação de quasi toda a gente, num hospital tripeiro, e asfixiado pela tuberculose. Asfixiado pela tuberculose... e pela injustiça do meio em que desejou produzir e triunfar. Vindo de Paris, cheio de sonhos, dando-se à cultura e à poesia, arquitetando grandes obras e não sabendo ser prático, caiu na humidade da Praça Nova e no desagrado dos mercadores, e num ápice foi a terra, sempre com macaquinhos no sólio e amargas ironias na desilusão. Ninguém fala dele hoje, ninguém o conhece, e até os críticos ignoram a sua pequena obra. Fala-se

TORTURADOS

DA DESGRAÇA

O escultor Augusto Santo

Asfixiado pela tuberculose... e pela injustiça do meio em que viveu

às vezes, timidamente, na sombra das evocações necrológicas, duns projectos seus sobre monumentos ao Infante, em Sagres, a Camões, em Lisboa e a Camilo, no Pôrto; mas de tudo isto ficaram somente as falanças de dois ou três amigos, um estudo de Manuel Laranjeira,



Máscara de Augusto Santo

na «Revista» e meia dúzia de «croquis». A voragem é inclemente e o barro destroe-se com a acção do tempo, quando não for cozido pelo fogo. O testemunho dos amigos também desaparece e a obra dos escultores pobres, como este, naufraga como a sua memória.

Augusto Santo, não teve sequer uma hora de triunfo, em Portugal. Perseguido pelos medrosos e pela doença que o neurasténico rapidamente, atacado pelas famas de preguiçoso — a eterna fama de todos os artistas! — e pela sua rebeldia contra o meio em que nascera, não conheceu sequer o engano numa hora de aplausos. Nascido em Gáia, numa família humilde e de tarados, que o não compreendia melhor que os jornalistas de então, habituou-se desde cedo à amargura do isolamento, que foi talvez o único consólio que teve na vida, visto não conhecer senão na imaginação, a felicidade dos triunfos terrenos. Pouco tempo depois da sua morte, um incêndio apagou definitivamente o barracão que construira no cimo duma colina e onde mal pudera trabalhar. Até o vento e as chamas perseguiram a sua passagem no mundo. Os homens, às vezes, parecem colaboradores obedientes da sorte mófina que enreda os ambiciosos da glória.

Nos museus portugueses existem apenas duas obras de Augusto Santo: — o *Ismael* — prova final do seu curso na Academia Portuense —, em Lisboa e no Pôrto; e um busto de rapariga a que

chamam *Esfinge*, em Vizeu, trabalhado em mármore e um tudo nada incompleto. Contudo, outras obras suas, ainda que em pequeno número, existem em colecções particulares, que amanhã serão vendidas em leilão, herdadas por quem ignore o seu mérito e até o nome do autor, não sendo de extranhar que apareçam no mercado dos bazares ou se destruíam completamente. Competia, pois, a-quém pode e deve, procurar salvá-las desse possível ultrage e arquivá-las em galeria própria e honrosa.

A história do *Ismael*, auto-biografia dum desalentado, modelada em 1890, dum emaranhada com anedotas vulgares de ataque e de desamparo. Por fim salvou-se o bronze naquela fria sala do incondicionado Museu de Arte Contemporânea, que noutro país teria instalação adequada e digna, e reapareceu o gesso original no Museu Soares dos Reis, noutra incondicionada galeria húmida, que igualmente reclama edifício próprio e honroso, vindo dum arrecadação miserável onde jazia, há muitos anos, escondido ou desprezado.

O lindíssimo busto feminino, baptizado com o literário nome de *Esfinge*, existe em gesso original, nas mãos dum dos mais fieis amigos de Augusto Santo, em Lisboa, tendo sido reproduzido uma só vez em bronze, para a colecção dum amator, do Pôrto, e copiado pelo seu autor em pedra de Carrara, actualmente figurando no Museu Grão Vasco, em Vizeu. É uma lição particular de técnica e um mimo de graça bem construído, que merecia ser conhecido de todos os artistas. O acôrdo de inteligência e de vontade do escultor entre a expressão *esfíngica* do modelo e a substância crua da matéria, revela-se ali num grande encanto. É de crêr, que além da sensibilidade embevecida de mistério, que o artista transmitiu à pedra, não lhe fôsse estranha a análise do seu autor perante o mármore do *Busto de Inglesa*, de Soares dos Reis, igualmente inacabado como aquele. É que entre estes dois estatuários havia certas afinidades de feitio e de lirismo. Ambos torturados por uma ânsia de perfeição e por um desacerto com o ambiente que lhes era avesso ao sonho melancólico em que viviam, fôram forçados ao desalento final, ainda que revoltados no seu exaspero, um gritando que não perdoava aos seus inimigos e o outro troçando deles, na hora derradeira.

O jornalista Pádua Corrêa — outro esquecido —, quando memorava a morte de Augusto Santo, passada em 26 de Setembro de 1907, apenas com 37 anos de idade, mostrava-nos bem a dôr dum

imaginário isolado de estímulos, que se consome, assassinado inocentemente pelos santos do poderio... Não será de toda a justiça recordarmos hoje o drama e a obra de Augusto Santo, quando com tanto entusiasmo se fala em salvar e honrar a obra do seu Mestre, o qual tendo sido um excelênte professor, tão pequenino número de discípulos deixou: — Tomaz Costa (falecido há anos em aflição pobresa e hoje já quasi esquecido também), Teixeira Lopes, Serafim das Neves, Marques Guimarães, que desapareceu nas voragens duma forçada emigração para o Brasil, e Augusto Santo!

Pequena, pequenissima é a obra crítica sobre a sua obra e o seu temperamento. Manuel Laranjeira, até ao fim, nunca deixou passar ocasião propícia para o recordar: — nos jornais, nas revistas, nos botequins e na rua. Em 1903, publicou um «Estudo Psychologico-Esthetic» em *A Revista*, que ficou incompleto; um ano antes havia escrito um artigo no *Germinal*, sobre o mesmo artista. Pádua Corrêa, no *Pão Nosso* e nas gazetas, também o recordou sempre. *A Revista Portucale*, *O Diabo*, *Seara Nova* e meia dúzia de folhas mais o têm lembrado de longe a longe. *Os Pontos nos 11*, em 1890 e a *Revista Azul*, em 96, estamparam-lhe o retrato e algumas obras. Pouco se tem feito em favor da sua memória. Não serão



Apontamentos para um retrato (1895) por Augusto Santo

horas ainda para o colocarmos de vez no seu lugar, em plena luz e com justiça? Porque fugimos tanto aos nossos deveres?

D. DE M.



«Esfinge» — busto de Augusto Santo (perfil)



«Esfinge» — busto de Augusto Santo

JOAN CRAWFORD

a sua arte e o seu estômago

mana depois de acabar um filme. É mais ou menos uma sensação de alívio. Mas, ao mesmo tempo, sinto uma sensação de tremor no meu estômago quando penso

Joan muda de posição e continua a falar:

— Depois de tudo terminado, quando pareço estar completamente desocupada, os estúdios mandam-me o argumento de um novo filme. Se o filme é uma aventura, como o são todos até certo ponto, esforço-me ainda mais para sair-me bem. Um dia, antes de começar a produção, fico tão nervosa que não posso comer coisa alguma.

Não importa em quantos filmes eu trabalhe, isto sempre me acontece. Senti-me assim antes de começar a trabalhar em *The Bride Wore Red*. E, para cúmulo da ironia, na primeira cena tive que aparecer comendo um prato de cozido. Não posso suportar este prato. Tive que comer o cozido, contudo, não um só, mas cinco, não só para as fotografias de perto como para as de longe.

Esta é a fascinação de ser estrela cinematográfica. Nunca se sabe o que se deve esperar.

— Mas, gosto da minha carreira, — salienta — e algumas vezes, também, a de-testo. Mas nunca a abandonarei, até que consiga dar uma interpretação que me satisfaça por completo. Quando tal acontecer, não haverá nada mais a desejar. A vida duma estrela cinematográfica não é tão fácil como parece, mas não me queixo, pois eu escolhi esta profissão e devo confessar que tive muita sorte.

Uma estrela feliz!

UMA estrela cinematográfica dura pouco, mas, como o nosso povo diz, "enquanto dura, vida e dor". Há dias, um jornalista internacional, dêesses que ultrapassam frequentemente os domínios da estratosfera e vão falar com as estrelas, entrevistou Joan Crawford em Hollywood.

Eis o que êle nos disse:

Joan Crawford conduziu-nos através do vestíbulo todo espelhado da sua luxuosa casa em Brentwood. Vê-se aí, como único ornamento, uma espineta, antigo instrumento com cordas e teclas, que herdou de algum antepassado. O vestíbulo conduz ao salão de música, num dos cantos do qual está o "bar", com suas paredes forradas de couro com o resto da mobília. Este salão dá para um espaçoso pátio.

Em um dos lados do pátio estão o teatrinho de Joan e a sala de jantar. No centro está a piscina, rodeada de coloridas cadeiras de praia, mesas e parassóis, e nos fundos, um "court", para jogar o "badminton"; numa corda de pendurar roupas, viam-se pendurados, secando ao sol, o "maillot", branco de Joan e os calções pretos de Franchot, que contribuíam para dar ao quadro um ambiente doméstico. Joan sentou-se numa das confortáveis cadeiras de rodas e toldo, tão populares nas varandas das casas de Hollywood. A famosa estrela estava com um calção curto e frente única de côr azul, deixando completamente expostas as suas bem torneadas pernas queimadas pelo sol, e cujos atraentes contornos, não se pode deixar de admirar. Seu rosto, também bronzeado, não tinha o mais leve toque de pintura, excepto os lábios.

— Sou muito preguiçosa, — disse Joan — E sempre me sinto assim por uma se-



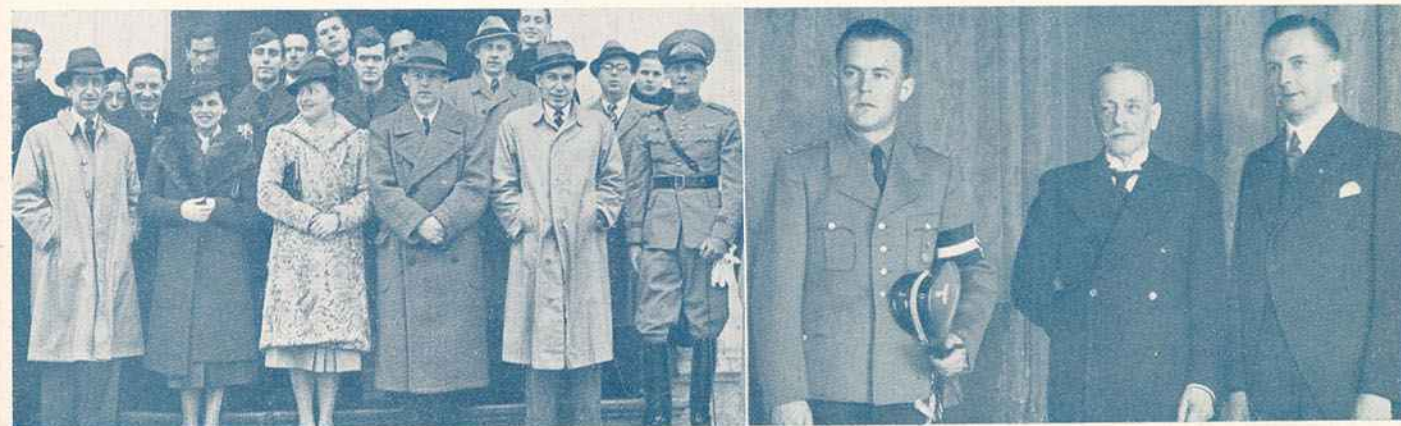
na exibição preliminar do filme, pois nunca se sabe como vai ser recebido pelo público. Se o filme é bem acolhido, choro de prazer, e se o criticam, choro de tristeza. Quando fico zangada, como de mais e tenho indigestão. Tôdas as vezes que me aborreço, desafogo a minha cólera comendo. Lembro-me de que, uma vez, tomei três sorvetes de soda depois duma certa função preliminar, muito contra a vontade, pois não gostei nada dêles.



A visita dos dirigentes da "Juventude Alemã"



A bordo do paquete "Cap Arcona," chegou a Lisboa o sr. Hartmann Lanterbacher, lugar-tenente do chefe da "Juventude Alemã". Acompanhado pelo sr. ministro da Alemanha, visitou os arredores de Lisboa e os seus pontos mais pitorescos. A gravura acima mostra o ilustre visitante com sua esposa após o desembarque no cais de Alcântara



Os dirigentes da "Juventude Alemã," com as entidades da "Mocidade Portuguesa," na sua visita a Setubal. — *A' direita:* O Chefe do Estado com o sr. Hartmann Lanterbacher, à sua direita, e o sr. ministro da Alemanha, no momento de os receber no Palácio de Belem



Os dirigentes da "Juventude Alemã," na sua visita ao campo de Alverca, onde assistiram à instrução dos pilotos da "Mocidade Portuguesa." — *A' direita:* O sr. ministro da Educação Nacional com o diplomata alemão e o lugar-tenente da "Juventude Alemã," e os seus adjuntos



PARA ALÉM Maravilhas Um dos belos museus do Mundo

Sala da Viscondessa de Cavalcanti em que se encontram o moço e uma permanência de beleza, de doçura, de graça feminina

da Colônia, pelas

A Meca barroca de Ouro Preto, que a arte sobrehumana do Aleijadinho encheu de santos e que o drama do ouro encheu de lendas, absorve, com algumas outras cidades coloniais, todo o interesse do turista, em Minas.

Ora, para os amadores de arte ou para os técnicos, é útil indicar que, em Minas, na cidade industrial de Juiz de Fora, existe com o *Museu Mariano Procópio*, uma das maiores colecções de arte da América do Sul e, por certo, a maior do Brasil.

Essa colecção, antes da criação do *Museu Mariano*, constituía uma das galerias particulares mais ricas do mundo, pela qualidade e pelo número de suas peças. Reünia-as, com fortuna e bom gosto, o sr. Alfredo Ferreira Lage, depositário de uma das maiores heranças espirituais de Minas — a de Mariano Procópio Ferreira Lage, — em cujo solar, no subúrbio juiz-de-forense, está instalado o museu municipal.

Cumpra notar, inicialmente, que o *Museu Mariano* é um dos mais curiosos do Brasil, pelo facto mesmo de estar localizado numa pequena cidade provinciana, e, aí, rivalizando com as mais completas galerias do mundo. Além disso, não é apenas uma pinacoteca: tem uma grandiosa secção histórica, a mais representativa com referência ao Segundo Império; salas de escultura, numismática, autógrafos, mobiliária, vestuária e, ainda, uma colecção de armas antigas e um departamento de arte e indústria indígena.

Dependendo de catálogos e administração técnica, o *Museu Mariano* não atinge no momento à sua finalidade pública. Entretanto esse detalhe só interessa ao município. O viajante avisado pode passar ali horas de rara e deleitosa surpresa, tanto a paisagem agreste da serra mineira torna imprevisível o encontro dessa galeria apurada da arte europeia e onde estão algumas obras representativas de uma civilização extreme. Isso, ao lado das vitrinas que fazem o ciclo histórico do Brasil, a partir dos primeiros apetrechos aborígenes, passando pelas armarias

galas dos dois Impérios, da Regência, até ao republicanismo contemporâneo, à actualidade do génio brasileiro, representado pelos artistas mais expressivos.

Não pretendemos fazer nesta crónica mais que simples indicações. O balanço minucioso das peças do *Museu Mariano* está provocando os especialistas, os críticos de arte. Não só pelos "achados", que podem surgir aos olhos do "expert", como para o fim de dar uma ordem e um sentido àquelas colecções. Neste pequeno "roteiro", queremos apenas assinalar alguns de seus pontos principais e, particularmente, o que ali representa interesse menos local. Aliás o espírito que presidiu à organização deste museu não teve qualquer limitação regionalista. Pelo contrário, o sr. Alfredo Lage é um coleccionador comovido e de cultura universal. Um tipo de civilizado, na mais ampla acepção do termo. Viveu, tem vivido, no íntimo e permanente contacto com a mentalidade europeia e o clima de seu espírito se tornou, assim, ameno e acolhedor. A investigação estética do passado, como a observação do presente, nele se manifestam sem qualquer exclusivismo ou menos ainda, com o exclusivismo nacionalista. Invertendo grandes somas em peças de arte, o sr. Alfredo Lage foi, acima do mero coleccionador movido por um capricho vulgar, o artista que associa, a um ecletismo rigoroso, o puro "espírito de finesse". Mentalidade isenta, outrossim, de qualquer restrição no domínio superior da arte, é a senhora Viscondessa de Cavalcanti, que doou à "Casa de Mariano", as suas colecções particulares, um repertório de obras primas. A ilustre dama é uma flor requintada do espírito feminino, sensível às mais raras manifestações do talento criador. Conviu demoradamente nas côrtes do Velho Mundo, a gentilíssima aristocrata do Brasil apurou os dotes subtile de amadora de arte. Suas colecções, por isso mesmo, apresentam muitas das melhores peças deste museu, escolha de um dilettante refinado.

Belo e evocativo, na verdade, éste mu-

seu de província, cercado de árvores, erguido na colina, posto no castelo enorme e tão impregnado da pompa e da gentileza do Brasil Imperial... Não é apenas o que nele nos recordam os quadros, os móveis, os *bibélots* da Viscondessa de Cavalcanti — como uma história por imagens de um lindo e delicado espírito — que sentimos na magia da evocação do velho regime... Há nele como que uma permanência de beleza, de doçura, de graça feminina... Um "ruge-ruge", de amplas saias leves de tafetá, a poeira de luz das cabeleiras fulvas... Os títulos de suas salas revivem na nossa saíidade vultos feminis que ficaram na crónica, envoltos no encanto e na suavidade das legendas... "Maria Amália", nome claro de fonte... "Maria Pardos", nome ardente e apaixonado... "Viscondessa de Cavalcanti", um nome e um título de nossa melhor estirpe e de nossa mais pura heráldica — sugerindo a beleza radiosa de nossa embaixatriz em França, lírio de ouro da aristocracia do Brasil, no quadro dos salões de Paris... Existe nesse palácio todo um mundo maravilhoso que não adormeceu no seu século, como o castelo encantado de Perrault... Que, antes, palpita ainda nos gestos dessas criaturas harmoniosas, próximas, contemporâneas, que andaram por aquelas salas, que sorriram naquela paisagem, que tocaram e embelezaram tudo aqui...

Cada objecto guarda a lembrança de um gesto, cada espelho a saíidade de uma imagem... Aquele jarrão de Sévres e aquele pequeno leque de marfim parecem exalar ainda um perfume de flor e um perfume de mulher...

Entre as obras destacadas do *Museu Mariano*, merece especial menção, além de outros, pela fama que a envolve e pelo preço a que atingiu, a grande tela de Roelofs — "Tarde de Holanda". O governo holandês, por muitas vezes, tentou já adquirir esta peça, a única de seu grande paisagista que não está no país e que, pois, abre um largo claro na "galeria Roelofs" do museu de Amsterdão. Cercando esta obra-prima, tão importante para o museu, na sua ampla tela sobre a qual se estende a doçura da paisagem holandesa, numa tarde cariciosa, cuja beleza e fluidez de tintas oferecem tão forte contraste ao dia tropical e violento, do quadro do parque, o turista pode admirar outras obras famosas. Há ali também, por exemplo, um pequenino Fragonard, uma de suas preciosas "chemises enlevées", uma dessas cênzinhas minudentes e gentis de jardim galante, tão do gesto e da subtileza da escola... Meisso-

ATLANTICO a admirar numa cidade de província brasileira

nier, Corot, Daubigny, Malhõa, em exemplares reputadíssimos, ali estão, também, para enternecer, fazendo-os pecar, os *connaiseurs* apaixonados... Adiante, desfilam os nossos grandes, de Pedro Américo, no realismo sangüinário do seu "Tiradentes esartejado", as tonalidades suaves de Décio Vilares, à poesia colorida de Sara Vilela... Vítor Meireles, Henrique Bernardelli, Amoêdo, Parreiras, Baptista da Costa, Geórgina de Albuquerque, são outras assinaturas que colhemos nessa galeria de mestres da beleza, onde as obras de Maria Pardos põem a sua grandeza emocionante...

Ainda recentemente, a viscondessa de Cavalcante esteve em Juiz de Fóra, em visita ao museu. Já a galeria que tem o seu nome ilustre, contava com aquela "Tanagra", a segunda existente no Brasil, e com o minúsculo, raro Fragonard; com aquela vitrina de leques, uma das mais completas do género, e com aquele precioso reposteiro chinês, presente do governo da China ao embaixador brasileiro à exposição de Paris (1889), visconde de Cavalcante; com o curioso humorístico e tão humano "Santos Dumont", imortal caricatura de Sem, original em madeira, e tantas outras preciosidades... Pois a ilustre fidalga, em visita ao museu, deixou como lembrança uma de suas colecções mais ricas: a de miniaturas.

Entre as suas pequeninas maravilhas, do género de arte que fascinava Riche-lieu e a que o Conde D'Orsay, fundador do dandismo, dedicou tanto carinho como às suas gravatas, a viscondessa de Cavalcante conseguiu incluir um autêntico Prud'hom I E, por sinal uma das melhores peças do género, sobre marfim, que o reputado pintor histórico e retratista napoleónico legou à prosperidade. Trata-se do retrato de Lucien Murat, jovem, datado de 1802 e, pois, da melhor fase do artista.

A simples menção desta jóia, cremos, justifica esta apressada divulgação sobre o museu juiz-de-forense. Cumpra, porém, assinalar ainda, na "colecção de miniaturas", que há-de ser, concerteza, uma das mais completas e representativas, as contribuições de Madelaine Lameire Menardeau, Lafon, Devambaz, Bompard, Barbassan... Sobre marfim, além da que traz a firma de Prud'hom existe mais a "Duquesa de Montpensier", de Liegel, um Dubois e o retrato da Viscondessa de Cavalcante... Finalmente, além de muitas outras assinaturas de miniaturas famosas, todos em exemplares do mais alto valor, citemos: Burnaud, Nan, Klein,

Fachada do Museu Mariano Procópio, na dia da inauguração do monumento familiar de seu ilustre patrono e esposa



Fraiment, um esplêndido "caval" de Epinard e um notável *crayon* de Rébourn: "cão".

O turista que vai a Minas visitar o céu torturado do pobre Francisco António Lisboa, pasmando diante dos cruzeiros e das pontes de Ouro Preto, deve deter-se um instante no museu de Mariano não tenham colado etiquetas nas suas vitrinas, nem catalogado a beleza, indicando aquilo que devemos admirar mais, ou menos, passem por ali... Nas altas salas de vitrais do castelo de Mariano Procópio, o colo alçado dos jarrões de Limoges põe um toque de graça sobre os pesados acájus de D. João VI... Uma aragem, vinda do parque senhorial que suspende o castelo, cõa-se pelas reixas forjadas e agitam as dobras do manto real da Princesa Izabel... Entre alfaia de antanho, panóplias e brasões de armas rompe-se a solene evocação do passado, do sordilégio dos gestos eternizados sobre a frágil porcelana ou no bronze do-

rado em que "Margarida" sonha e espera, em que "Mefistófeles" sorri malicioso, numa síntese de alto sabor goethiano e num milagre de fundição... É, sobrepairando ao heroísmo ou às galas da história, à doçura, à fantasia da legenda, exsurge de tudo um halo de beleza... Da beleza que não é só do passado, da beleza que é de sempre, porque ela realiza a comunhão de todas as idades...

Visitar o *Museu Mariano Procópio* é inundar a alma de beleza, é nunca mais esquecer as maravilhas que ali encontrou e que mais se avivaram na memória de quem transpôs esse pórtico de encanto.

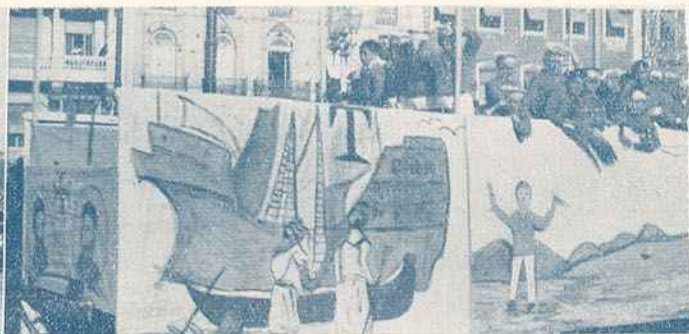
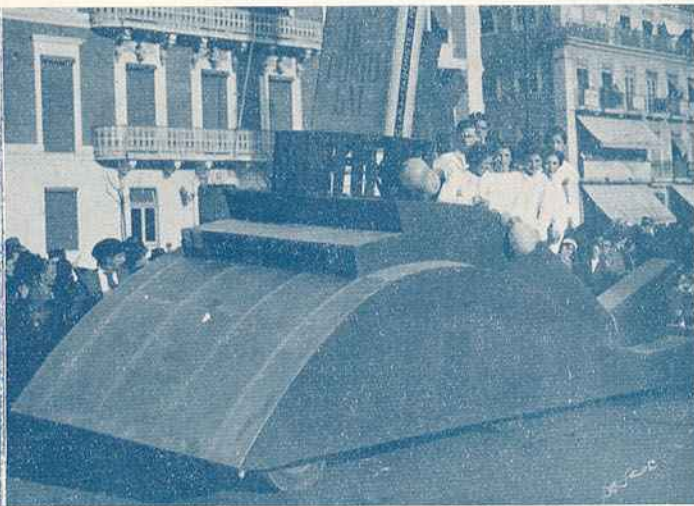
Ao afirmarmos que é um dos mais belos museus do Mundo não exageramos. As mais altas mentalidades que o visitaram salientaram esta opinião que nós agora reproduzimos fielmente como seria o nosso dever de brasileiro.

EDMUNDO LYS.



Belíssimo trecho do parque onde se encontra instalado o Museu Mariano Procópio

ECOS DO CARNAVAL



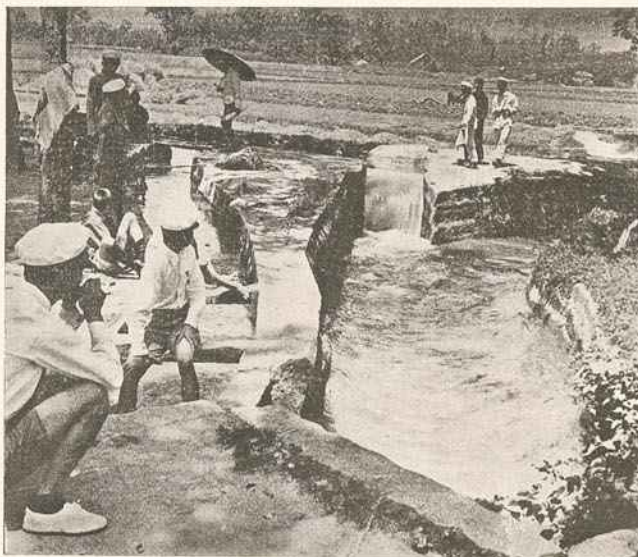
Alguns dos carros que animaram o «corso» da Avenida durante os dias do Carnaval. Embora com o devido resguardo para evitar abusos de gente selvagem, o Carnaval reinou plenamente por tôda a parte, deixando portanto a melhor recordação. Para o ano cá estaremos outra vez, se Deus nos der vida e saúde



Grupo de crianças que assistiram ao baile infantil de Domingo Gordo, no Casino do Estoril. Esta encantadora festa revestiu o maior brilhantismo que pode imaginar-se, honrando as tradições do local onde se efectuou

O CARNAVAL E AS CRIANÇAS





Irrigação dos arrozais junto da estação transmissora de Chengtu

QUEM há cinquenta anos pretendesse tirar informações da China, obteria tão pouco que não lhe valeria a pena prosseguir.

Dir-lhe-iam que a China era um país de remotíssima civilização, mas que se mantivera estacionário pelo isolamento em que sistematicamente sempre tinha vivido. Que a sua principal fonte de riqueza era a agricultura, da qual tirava os produtos precisos para alimentar a sua enorme população, exportando ainda grandes quantidades de chá e de seda.

Dir-lhe-iam ainda que o império, por falta de um forte poder central, estava fraco e decadente, e em volta dele se agitavam as ambições das grandes potências europeias, e bem assim do Japão que sempre cubiu aqueles vastos territórios para se expandir e engrandecer.

Mais o informariam de que o império chinês, designado pelos seus naturais por império do meio, e pelos europeus por celeste império, seguia a religião budista, embora a amenassem com as máximas do código de Confúcio que impunham uma moral sã, perfeita e intangível.

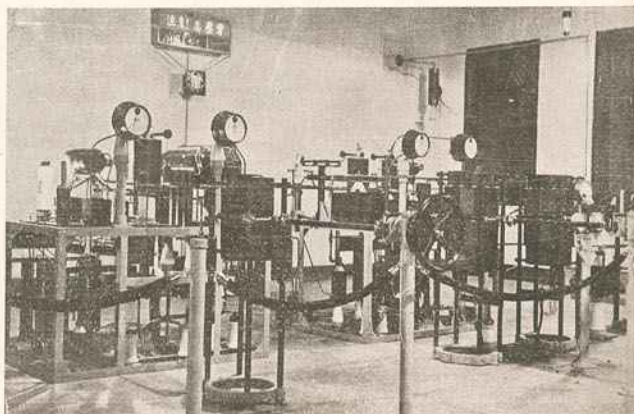
Aferrados aos seus preconceitos, orgulhosos de uma civilização milenária, os chineses não podiam tolerar o avanço do progresso europeu.

Um dia, tudo mudou. Seguindo o exemplo do seu perigoso vizinho nipónico, o chinês passou a civilizar-se e a adotar as medidas de defesa usadas pela raça

branca. O chinês compreendeu finalmente que era chegada o momento de ser um digno cidadão do mundo.

Agora até já tem uma estação emissora de T. S. F., segundo a curiosa informação que o ilustre publicista técnico e científico André Lion nos envia de Nova-York:

Se nos séculos passados se atendia ao número de sucursais que as grandes casas comerciais espanholas, portuguesas, inglesas e alemãs possuíam para se calcular em que grau estava um país dis-



Transmissor de rádiolâmpada de 10 kv. de Chengtu

A CHINA MODERNA

Uma estação emissora de T. S. F. entre os arrozais de Chengtu

O que teremos de ouvir às lindas locutoras da República Celeste?

tante dentro da esfera da civilização europeia, hoje deve deduzir-se isto mesmo pelo número de rádio-ouvintes e das estações emissoras.

A rádio, que aproxima os povos, que os faz conhecerem-se reciprocamente, que reparte em frações de segundo os tesouros espirituais e intelectuais e as influências benéficas e destruidoras através dos continentes, é o símbolo distintivo dos nossos tempos que correm rápidos e se vivem rapidamente também.

Nos centros da civilização europeio-americana que hoje dominam o mundo, na Europa e nos Estados Unidos, existem hoje milhares de emissoras pequenas e grandes, e milhões de ouvintes; nos países mais próximos destas esferas de influência, isto é, no Império Britânico e na América do Sul, podem-se contar centos de emissoras e centos de milhares de ouvintes; no resto do mundo que se encontra menos submetido a estas influências, parte da Ásia, da África e ainda em algumas partes da América do Sul, o número de emissoras e de ouvintes é relativamente pequeno.

Uma nova emissora na Ásia ou no interior da África, e mil novos ouvintes nestes territórios, significa um avanço maior, no suposto ininterrompido caminho, que dez novas emissoras de ondas dirigidas que abarcam o mundo inteiro construídas na Europa Central, ou que um milhão de novos ouvintes na América do Norte. Uma nova emissora de

500 quilovátios, levantada numa capital europeia, é uma maravilha de técnica. Mas uma nova emissora de 10 quilovátios, na Ásia Central, é um milagre do progresso, uma vitória na luta pela influência civilizadora e cultural. E isto, francamente, representa muito mais.

Hoje ninguém ligaria importância a uma emissora de 10 quilovátios, mas vale a pena que nos ocupemos dela, quando é instalada no interior da China.

Uma tal emissora foi instalada no passado ano, pela Telefunken, em Chengtu. Seguramente, entre um milhão de europeus e de americanos instruídos, não se encontrará um só que saiba que espécie de aldeia é Chengtu, e donde fica situada.

Pois não é uma aldeia, mas uma cidade com 860 mil habitantes, e, como o próprio nome indica, fica situada na China.

Não foram, seguramente, muitos os europeus que, no decorrer dos séculos, chegaram a esta cidade da velha China, que ainda se encontra rodeada por uma muralha de 10 metros de altura por 8 de largura, cidade milenária que não tem hoje provavelmente um aspecto muito diferente do que teve há milhares de anos.

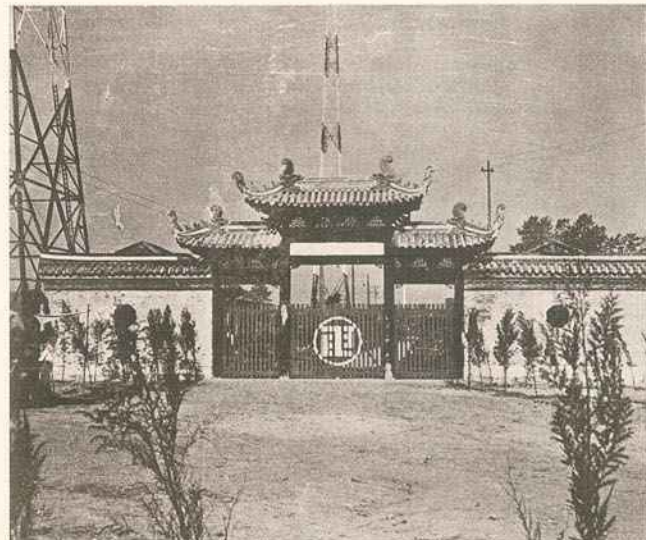
Está situada na margem do rio Minho que é um afluente do Yang-Tsé-Kiang. O próprio Marco Polo passou numa das suas pontes que ainda se encontram em pé.

Não está esta cidade situada em meio de um deserto, mas na rica província ocidental chinesa de Szechwan, de que é a capital.

Esta província é apenas 1/3 mais pequena do que a Alemanha, e tem 1/3 menos de habitantes. É, portanto, uma região enorme, muito populosa e muito rica, com minerais de ferro e sal e com extensas plantações de chá e de arroz.

No entanto, nesta cidade existiam apenas até agora 400 telefones e não havia até o presente nenhuma emissora de rádio nesta capital de província cênica da fronteira de Tibet. Hoje existe já neste centro afastado de toda a civilização europeia uma destas instalações modernas para difundir alegria e ciência, uma das poucas que existem até hoje na Ásia Central.

O destino desta emissora encontra-se no centro da cidade de Chengtu, muito próxima da estação de correios e não muito afastada da Universidade Missionária canadiana. Salientaremos que a emissora propriamente dita se encontra



Entrada da estação de Chengtu feita, como se vê, ao gosto chinês

a quatro quilómetros de distância, fora da velha e gigantesca muralha circundante.

A sua instalação foi ordenada pelo Governo, estando sob a dependência do Ministério das Comunicações. As duas torres de ferro estão erguidas sobre um velho cemitério, coisa estranha na China onde tudo se encontra impregnado do ambiente do culto dos antepassados.

Mas, como este cemitério não era utilizado há mais de um século, as autoridades chinesas não consideraram uma violação dos costumes a trasladação dos restos mortais que ali se encontravam para outro lugar.

As duas torres de ferro modernas dominam os campos circundantes que se perdem no horizonte todos cobertos de arroz, e que desde há dois séculos são regados pelas águas trazidas, por meio de canais, de um pântano artificial construído no rio Minho. Aqui é misturada a cultura milenária com a técnica moderna, levantando-se as mais modernas instalações de ferro em meio de um território de cultura remotíssima.

É este encontro duma das culturas mais antigas e duradouras do mundo com as construções técnicas mais modernas tem a sua representação simbólica nos trabalhos em madeira, com os tetos curvos e os fantásticos dragões que adornam o portal da entrada da emissora e das torres.

Ao entrarmos no interior do edifício da emissora de Chengtu, os sinais chineses: alta tensão!... ligado... perigo de morte recordam-nos imediatamente o mundo curioso em que nos encontramos.

As máquinas e os refrigerantes e as

diferentes instalações que ali encontramos não diferem em coisa alguma das pequenas emissoras existentes na Europa ou na América. Dois tubos refrigerantes de água constituem a parte final da emissora que, com funções de música e de recreio, entretêm os seus ouvintes, transmitindo por onda de 536 metros. A 180 metros de distância estão as duas altas torres de ferro, de cem metros, que mantem uma antena múltipla em forma de T de 25 metros de extensão. Toda a instalação foi dirigida, no próprio local, por técnicos alemães com trabalhadores chineses, provando-se assim mais uma vez que o chinês, apesar da sua cultura diferente e do seu estranho conceito das coisas técnicas, é um hábil operário e artífice modelar que sabe compreender a técnica moderna.

ANDRÉ LION

Em face disto, que mais modificações sofrerá a China, esse país longínquo de que os nossos avós tanto falavam atribuindo-lhes lendas em que haviam dragões sagrados que devoravam mandarins ambiciosos e cruéis?

Não virá,onge o dia em que a radiotelegrafia nos transmitirá tangos, "malagueñas", sambas e até fados em bom chinês, embora com música adaptada, como está sendo uso e abuso.

Já não falta tudo, como acabamos de observar. Estação emissora — que era o mais importante — já existe. O resto irá por si, sem esforço, nem iniciativas de grande vulto.



Modas que passaram — de poder conservar um criado em casa. Eles trabalham todo o dia; devem, pois, descansar à noite.

— Tu pagas-lhes, não é assim? Então é para eles servirem.

— Servirem, sim — disse eu — mas para isso devem também descansar, e como aqui nunca sossegam, por isso eles querem ir-se embora.

— Pois eu os ponho já fóra a pontapé — exclamou elle encaminhando-se a cozinha.

Segui-o de perto e bradei-lhe no meio do corredor:

— Peço-lhe, snr. Sant'Ana, que não faça barulho; bem sabe que se as minhas filhas acordam assustadas, no meio da noite, ficam doentes no dia seguinte. E para mim éstes barulhos e estas cenas matam-me.

— Anda para o quarto — gritou elle dando-me um empurrão.

Quando aí chegamos, voltei-me e disse-lhe:

— Já muitas vezes lhe tenho pedido que não levante a mão para mim.

— Cala-te já, senão dou-te um murro!

— Oh! snr. Sant'Ana — continuei eu mostrando-lhe um sorriso que pintava toda a minha desesperação — murro! é uma palavra indigna de um deputado!

Porém, como torna a falar-me nestes termos repugnantes, tornar-lhe-ei a repetir que lhe digo sempre, quando se baixa a servir-se dessas palavras: A primeira vez que torne a tocar-me, juro-lhe que abro aquelas vidraças, chamo o guarda que está bem perto de casa e passará pelo desgosto de cair entre dois soldados.

— Tu estás doida! — murmurou elle querendo rir-se — elles entravam e eu dizia-lhes que tinhas gritado porque julgaste sentir ladrões no quintal, e vól-os seguir pelo mesmo caminho.

— Mas eu fazia conhecer a mentira, mostrando a minha face ainda vermelha pelo murro.

— E eu interrompia dizendo que tinha sido um movimento de impaciência e de



oi isto nos belos tempos do vinho de D. Maria II, em que a delicadeza mortal deveria estar, como seria de calcular, em pleno período romântico. Aqueles bailes estonteantes, de polkas puladas e valsas doentes constituíam o encanto das jovens que bebiam vinagre para emagrecer e terem o aspecto de Ophélias olheiradas desenhando-se nos reflexos da paixão.

Ora, pelas Memórias da minha vida que a senhora Josefina Neuville nos deixou para um mais amplo estudo da sua época, verifica-se que os homens de então eram tanto ou mais selvagens que os de hoje em dia.

Eis uma pequena amostra do que teria sido a vida desta dama com o deputado sr. Jacinto de Sant'ana e Vasconcelos, nesses belos tempos em que, no dizer dos entendidos, se amava e se morria de paixão:

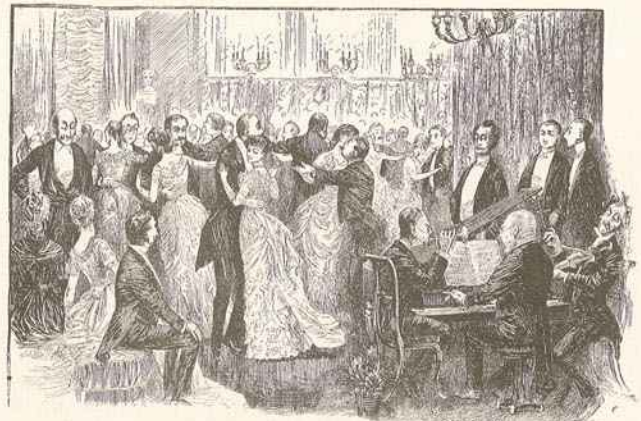
UM dia não tinha podido limpar as lágrimas bastante a tempo, que elle as não visse sulcarem-me as faces.

— Que tem? — perguntou elle.

— O mesmo que tenho sempre — respondi.

— Então eu não sou senhor de entrar à hora que quero?!

— Por mim, decerto — respondi — porque tenho essa paciência; mas nunca hei-

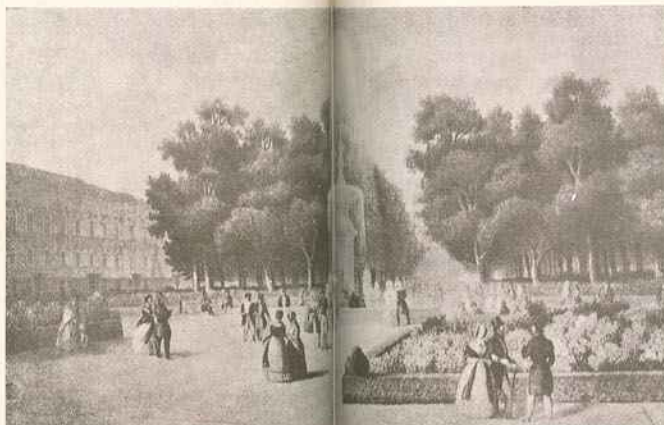


LISBOA DE HOITENTA ANOS

Curiosas revelações de Josefina Neuville provando que os homens de hoje melhoraram em coisa alguma

ciúmes, e eles teriam de se ir embora porque nenhum se atreveria a levar preso um deputado.

— Ora, o senhor está demente sempre com essa presunção de deputado!... Não sabe que, apesar dêsse título, o homem que se esquece da dignidade que lhe deve, que falta ao cavalheirismo, que pratica uma acção que envergonha o País que o tem como um dos seus re-



presentantes, a lei e a justiça é a mesma para elle do que para qualquer delinquente?

— Tu estás muito doutora — atalhou elle puxando o cordão da campainha para mandar apromptar o chá.

— Ah! isto deve decidir-se quanto antes — disse eu interiormente — amor com humilhação não é para o meu carácter. Há bastante tempo que sófro, que me humilham, e minha alma tem sido vítima das maiores lutas.

Se eu já não amava com a adoração só permitida ás grandes paixões, era elle, o único culpado.

O meu espirito só estava alimentado das escandescências da imaginação, era nova de mais para poder suportar sôzinha uma cruz tão pesada, e por isso buscava no mundo uma esperança, uma realidade para os meus caros sonhos.

O homem que eu imaginava tinha sido o meu querido Henrique; mas depois desta morte fatal, não o tinha encontrado mais, não lhe tinha falado nunca! mas já o conhecia; era o enlévo, a consolação, e o confidente de toda a minha

O baile em pleno auge

vida; toda a minha existência, todos os meus sentimentos, toda a felicidade da minha alma, iam ficar concentradas nêsse homem, e eu não o conhecia!!! mas amava-o! oh! sim, amava-o, e sentia meu peito abraçar-se, como se o fogo de um vulcão o tivesse incendiado, e lembrando-me das humilhações que sofrera dois anos, no meio das lágrimas que me corriam pelas faces, pôde a minha voz

sufocada e trémula proferir uma irrevo-gável sentença:

“Isto há-de acabar...”

Eu, pobre Josefina, tinha no meu orgulho aquele poder que na mulher é a origem dos maiores sacrificios, e que as torna admiráveis quando se levantam soberbas no seu amor.

Dois anos tinham-me curvado como se curva um cativo!

Dois anos o meu orgulho viveu sepultado no meu coração!

Dois anos tive uma vida de verdadeiro martírio!

Agora já não tinha forças, achava-me moralmente morta!

Não eram as cartas anónimas que me escreviam, não eram as intrigas que todos os dias me faziam, não eram os conselhos que incessantemente me davam para me separar d'elle, que iam motivar a separação entre nós. Mas era sim o seu orgulho, que me queria dominar como a uma escrava, era sobretudo o seu egoísmo, que destruíra todos os sentimentos, que promoviam um apartamento eterno.

Tudo teria perdoado a este homem,

Um dia de festa em casa de D. Maria II

menos o orgulho que me sufocava, a sua vaidade que me constrangia, e sobretudo as pancadas da minha Mariquinha!

Dois anos vivi como cativa dêsse poder que sentia esmagar-me; passando por todas as humilhações, e por todas as amarguras...

Dois anos o meu orgulho viveu sepultado no meu coração; mas agora esse coração, que Deus me concedera tão forte e valente, não tinha forças para lutar mais, e por isso a Deus pedia piedade e liberdade.

Havia já alguns meses que eu tinha jurado solenemente que tudo estaria em breve concluído entre a pobre Josefina Neuville e o vaidoso deputado Sant'Ana e Vasconcelos!

Uma idéia me consolará quando chegar a efectuar-se tal separação: será a caridade que eu por ela usarei.

Nêste mundo a virtude maior (quando ela tem em vista a religião) é seguramente a caridade, essa sublime virtude que nos suaviza o coração e nos fortalece a alma.

Esta separação tem em vista uma esmola, por isso terei ainda mais força.

Seis semanas levei na luta, nêsse combate em que vi, à semelhança da rosa, cair fôlha a fôlha, cada uma das minhas esperanças, cada uma das minhas ilusões!!!

Eu podia ter decidido tudo logo, e evitava ao meu coração êsses martírios e essas torturas de todos os instantes. Cortava o mal, mas a raiz ficava; para extrair essa raiz era necessário sofrer a perda completa das minhas ilusões; era necessário sofrer ainda muito!!!

Haverá no mundo quem diga que tudo isto não realizava o maior dos martírios? Ninguém o contesta, porque eu passei pela tortura, esgotei o último trago das fêses dêsse cálice amargurado, e sei demais quanto soffri!

.....

Chegou de Londres o meu seguro de vida.

Já que aqui falo de seguro de vida, devo dizer os trabalhos que passei para poder obter o meu valor de mil libras, na Companhia Albion.

Esta companhia, a mais antiga delas, é sem dúvida a que merece mais confiança pela sua respeitabilidade, admirável crédito e boa fé.

Os cavalheiros que a compõem são todos os homens de bem, e conhecidos

Em pleno idílio



pela sua honradez e probidade. O médico desta companhia é o sr. dr. Kessler.

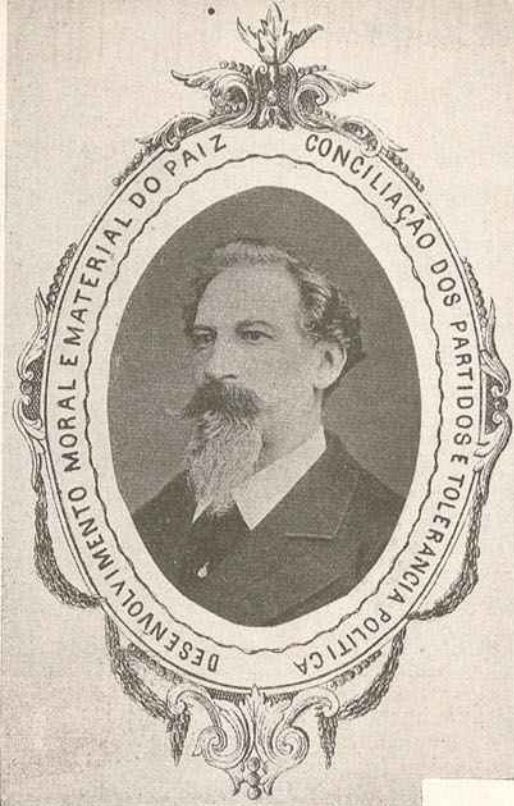
Ouvindo pronunciar êste nome tremi.

— Porque tremeu? — me perguntarão.

Em duas palavras explico-me.

Estrangeira nesta terra, quando foi a triste e infesta morte da enérgica e virtuosa rainha D. Maria II, morte que fez chorar de dó e pena os corações das criaturas que eram mães; eu, que tinha sempre amado esta senhora com a recordação dos bôlos que na minha infância me tinha dado, e que sentada no seu colo comi, deixando entornar o licôr que caía sobre o seu vestido; eu que a amava com paixão extrema, com uma simpatia viva, a ela que tinha como eu nascido no Rio de Janeiro, senti meu





D. Fernando II

coração condoer-se, e chorar sinceramente, quando, no dia 15 de Novembro de 1854, as salvas anunciaram a êste povo a morte da sua soberana.

Nas gazetas médicas, com especialidade no *Esculápio*, na *Aguilha Médica*, o sábio dr. Lima Leitão, imputava aos médicos a morte da Rainha, chamando-lhe publicamente assassinos, e convidando-os a declararem-se sobre as operações que tinham pôsto em prática.

E' escusado dizer que o dr. Kesler era um dêsses médicos que sofreram calados estas asserções; e eu tremi lembrando-me disto, porque desde então os nomes dêsses homens ficaram-me gravados na memória o nunca mais os poudo ouvir pronunciar.

Quando a Companhia Albion me deu a carta para eu me apresentar em casa do snr. Kesler, foi um dos sacrificios da minha vida, tanto maior que cinco ou seis mêses antes ouvira contar esta célebre história:

Uma senhora portuguesa, ou brasileira, que já tinha falado uma ocasião ao snr. Kesler, desejou fazer um seguro de vida. Em consequência foi à Companhia e lá deram-lhe uma carta para o referido doutor.

Com essa carta apresentou-se, pois; no momento em que o criado lhe abria a porta para entrar na magnífica biblioteca que êle possui, viu pela porta que estava aberta da sala um vulto escuro que soltando um guincho se escondeu sem que pudesse ver-se-lhe a cara e saber se era bonita ou feia.

Um minuto depois, entra na biblioteca o snr. doutor com os cabelos arrepiados, as faces rôxas, e com voz sôbressaltada pergunta-lhe:

— O que temos? o que me quer?

A estas interrogações desencadeadas entendeu a senhora que nada devia responder, e só lhe entregou a carta.

— Isto não é possível, não é possível, e não quero — disse êle afinal.

— Porquê? — perguntou a portadora.

— Porque a senhora está muito doente.

— Eu doente, snr. Kesler?! — exclamou ela.

— Sim, a senhora está doente e muito doente.

— Então devo confessar-me e cuidar da morte!? — perguntou ela mais e mais admirada.

— E verdade! — respondeu êle, com todo o laconismo.

— Admira-me muito isso, snr. doutor, e o médico de minha casa, pessoa respeitável e de crédito na ciência, acha-me de perfeita saúde, e sinto que isso assim é porque cômoo bem e durmo muito melhor ainda.

— Nada disso vale; eu digo que está doente, muito e muito doente!

Ela cruzou as mãos, fitou os olhos nêle, e guardou silêncio.

Assim ficaram de olhos fitos um no outro por espaço de alguns minutos.

— Então para que quer êsse seguro? — perguntou afinal o doutor.

— Eu lh'o digo com franqueza — respondeu ela — Desejo com êsse seguro e uns títulos da minha casa levantar um empréstimo de dez contos de réis, para pagar aos meus crêdores e eu poder viver tranqüila e desembaraçada.

— Sabe que não está agora bonita? Há um ano era *três gentille*...

— É provavelmente por isso, sr. Kesler, que há um ano era V. Ex.^a *três aimable* e agora...

— Agora o quê? — perguntou êle com imensa curiosidade.

— Agora, snr. Kesler, — respondeu ela sorrindo e levantando-se para saír — agora reconheço que a minha vinda a sua casa estorvou-o no agradável *tête-a-tête* em que v. ex.^a se distraía a essa interrupção é que deu a v. ex.^a a amabilidade que hoje possui.

— Não, não é isso — disse êle todo atrapalhado — É que...

Ela não o deixou concluir e cumprimentando-o saíu, dando ordens ao seu cocheiro que a conduzisse para sua casa, onde ao chegar encontrou algumas visitas que a-quém contou êste *lindo conto* que se acabava de passar.

As pessoas que estavam na sua sala deram-lhe de conselho que não fizesse caso do dr. Kesler, nem das suas palavras, visto que êle era de manias, e de pancada forte, para o que não encontra na ciência com que a natureza o dotou receita possível para se curar.

Sabendo que esta historieta foi com bastante receio que me afoitei a ir a casa dêsse *querido* médico do senhor D. Fernando.

Digo receio, porque tremia de ir achar êste *complaisant* doutor num dêsses momentos de mania, ou, como se diz vulgarmente, *de pancada na mola*.

Felizmente não aconteceu assim e, depois de trocarmos algumas palavras, deu-me uma carta para a Companhia.

Parece que êste manuscrito era todo a meu favor, pois que poucos dias depois recebia eu o meu seguro e pude concluir a transacção que já estava em ajuste com o snr. Domingos José Marques Guimarães.

No dia em que eu devia assinar a escritura e receber o dinheiro foi o snr. Sant'Ana no caleche comigo para a cidade.

— Tu não vês, Josefina — me disse com ternura — que o que eu posso fazer em teu favor é para mim um grande prazer!? Hoje não vou às côrtes, e eu tinha a palavra!!! mas receei que te enganassem, e comigo pódos estar descansada que ninguém ousa iludir-te.

Chegámos a casa do capitalista. Apeámo-nos do trem. Subimos a escada. Trocámos algumas palavras. Fez-se a escritura, e recebeu-se a quantia de quatro contos e quinhentos mil réis.

Quando voltámos a minha casa, achámos o snr. Alexandre Callaya e Maria da Glória.

— Estou hoje rico! — exclamou o snr. Sant'Ana estendendo as notas sôbre a secretária.

— Sempre concluiu a transacção? — perguntou-me o snr. Callaya.

— Graças a mim — interrompeu o snr. Sant'Ana, que contava e recontava o dinheiro.

Fui sentar-me ao pé dêle para fazer os maços destinados a diferentes pessoas a-quém desejava pagar primeiro.

— Aqui não se mexe — gritou êle, pondo-se em pé e estendendo as mãos sôbre o dinheiro.

Admirei-me daquela *brusquerie*... Era verdade que aquele génio e aquela cabeça parecia uma espécie de catavento, que se voltava à mercê do ar.

Nada respondi, voltei as costas, a êle e ao dinheiro, principiei a conversar com a Maria da Glória, sôbre umas pulseiras que ela estava fazendo.

O que eram quatro contos e quinhentos mil réis para eu ficar em contemplação diante dêles?!!

Para mim o oiro tem e não tem valor.

Desde a minha saída do *Sacré-Cœur* conservei sempre uma imagem que uma das freiras, M.^{me} de Taisseau, me deu. Essa imagem está no meu livro de pêsces, e representa um baú cheio de peças de oiro, e tão abundante delas, que é tal a altura que o não deixa fechar. Em cima, por entre nuvens transparentes, apparece uma cruz no centro de um resplendor.

Por baixo da imagem lê-se o seguinte:

“L'or ne fait pas le bonheur, c'est la vertu.”

Esta imagem fez-me sempre ser filósofa em questões de dinheiro, por isso que êle nunca teve influencia sôbre mim; vivo feliz com êle ou sem êle. Reconheço que é um metal necessário à existência, e eis aí tudo. Sei também que é um objecto que faz alguns homens praticar acções que vis galêgos não comeriam.

Metal que faz desvairar as mulheres sem sentimentos, unicamente para terem luxo!

Metal que faz vender muitas vezes a alma pelos caprichos do corpo.

Oh! Infâmia de que o oiro é causa! oiro, tu és quási sempre a miséria do mundo!

JOSEFINA NEUVILLE

EM VOLTA DO BUÇACO

Paisagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis

SOUZELAS. Para leste, a serra de Agrêlo, escalavrada em grande extensão pelas enxurradas. Mais perto, em outeiros graciosos, pequenas aldeias.

As trincheiras cortam-se em calcáreo, estratificado em regulares assentadas. Regatos deslisam entre choupos, salgueiros brancos e amieiros.

Na aridez do descampado, para leste, engasta-se uma enseada de verdura que sorri virgilianamente. Ao fundo, um povoado branqueja, com a sua igreja perfilando as tôrres na linha ondeada dos cêrros.

Depois, a oliveira e a vinha disputam as lombas rudes, em cujos visos o pinhal mal cresce. Matos — tojo, carqueja, estevas, urzes e sargaços.

Outra povoação entre o arvorêdo.

E chegamos à estação da Pampilhosa. Mudamos para a linha da Beira Alta, que da Figueira da Foz se dirige à fronteira, até Vilar-Formoso, seguindo a Salamanca. O rápido, onde vinhamos, continua, pela linha do Norte, até ao Porto.

Importantes fábricas de cerâmica avizinham a estação.

Avista-se a Serra do Buçaco, à direita. E o combóio avança por uma planície em que alternam pequenos tractos de pinhal e terras de sementeira. Aqui e além casais, povoados, alguns vinhedos, pequenos sobreirais.

Águas que se despenham. Azenhas. E é logo a estação do Luso...

A povoação não dista um quilómetro, situada nas faldas da serra do Buçaco, que se alteia panorâmicamente, até à Cruz Alta, e que, ao passarmos a ponte da Várzea — que entesta com a gare, lançando-se sôbre um profundo vale — se revela numa aluvião de frondes, derramando-se, cachoando, por entre a penedia.

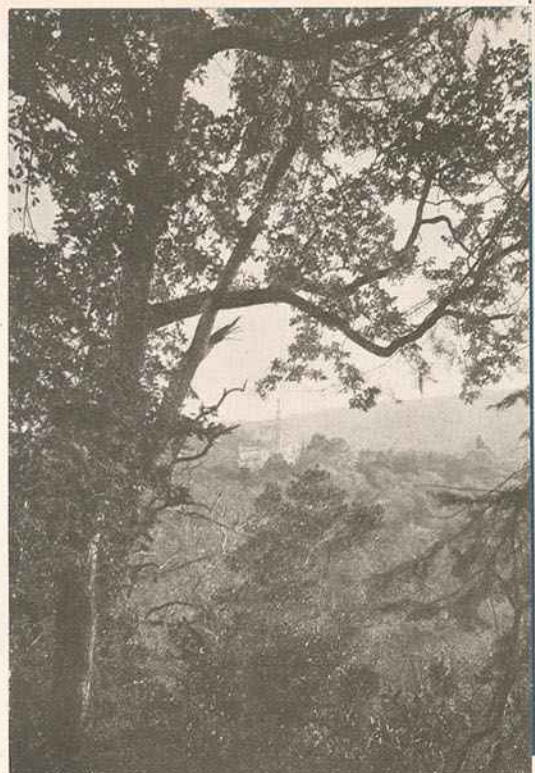
A serra principia em Penacova, de frente do Canal do Alva, e, percorridas mais de três léguas, termina aqui, culminando a 630 metros, coberta por uma mata esplêndida, que é o trecho florestal mais pitoresco do país.

Guerra Junqueiro amava profundamente esta solidão:

“O Buçaco é como as antigos florestas, cheias de religiosidade. Nem as aves cantam. Uma mudez augusta eleva as almas e as reintegra na Natureza. É por isso que o Buçaco é uma floresta sagrada, divina, espiritual. Paisagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis.”

Mais de uma vez divaguei com o Poeta sob as arcadas das árvores seculares, embrenhando-nos no mistério envolvente — Deus e Vida...

A nordeste da mata, Almas do Encarnadoiro, casario novo, entre a capela e



Um trecho do Buçaco

o obelisco que comemora a vitória de 27 de Setembro de 1810, alcançada pelo exército anglo-luso sôbre o exército francês, comandado por Massena.

Através dos debruns do relêvo avistam-se os despenhadeiros onde se feriu a batalha.

O combóio entra num túnel. Começa a galopada trágica de valagões e viadutos, uma das paisagens preferidas de Fialho de Almeida. A via-férrea sobe, rasgando espinhaços de contrafortes do Caramulo, assombrados de pinheiros, carvalhos e sôbros, e outeiros revestidos de matos, transpondo sucessivamente túneis e pontes. Uma destas passa sôbre a povoação de Trezoi.

Para norte, ficam Sabrosa e Vila Meã da Serra. Para sul, o Azival.

Só em Espinho, já em declive, ínsuas desdentam o olhar, cansado da aspreza dos rocais.

Ao sair do apeadeiro do Soito, o combóio entranha-se na escuridão. Mas logo desemboca no vale ridente — tão farto de águas, que se chama Ribeira a linda povoação que nelas se está mirando.

Atravessado o Carmol pelo último dos nove túneis que, dêse o Luso, se alinham, em Monte de Lobos começam as várzeas de Mortágua.

A vila é situada na maior planície que se encontra de Coimbra a Vizeu, entre dois rios que se juntam próximo, à ponte de Vale de Açôres.

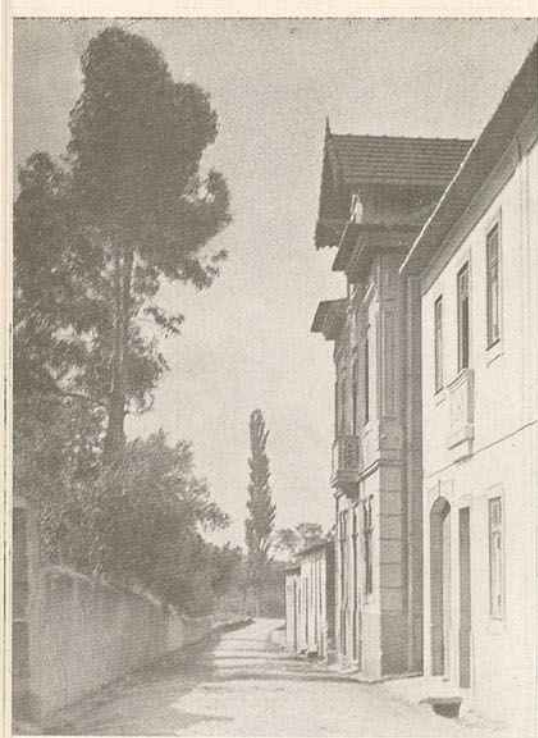
À volta da gare grandes fábricas de serração de madeira.

As várzeas, fertilíssimas, são cercadas de elevações, cobertas de pinhal. Ocupam o fundo dum antigo lago, de superfície não inferior a trinta quilómetros quadrados, que há vinte séculos foi esgotado, por um corte, a sul, abrindo o curso do rio Mortágua, afluente do Mondego.

O cabeço do Senhor do Mundo, sobranceiro, no qual alvejam ermidades, é um aprasível sítio, onde existiu um crasto romano, e donde se alcançam,



Penacova



A entrada de Scuzelas

dêsde as terras baixas até aos visos das montanhas longínquas, trechos de paisagem beirão inesquecíveis.

Filho de Mortágua, deixem-me aqui requerer aos poderes públicos:

Ligando esta vila a Penacova por uma estrada de macadame (está aberto um terço do percurso, até Marmeleira) alcançaria o turismo um dos circuitos mais atraentes da Península — Coimbra-Lorvão - Penacova - Mortágua - Buçaco - Luso-Coimbra — a realizar, de automóvel, num só dia, à vista das serras da Lousã, Estrêla, Caramulo e Buçaco, no coração de Portugal, com os mais diversos cenários marítimos e alpestres.

Quatro mil libras bastariam ao milagre!

Repousada a vista na grande várzea vicejante, como um lago esmeraldino sombriamente encerrado entre pinhais, logo, passada a ponte do Coval, a locomotiva atravessa mais de uma légua de colinas tristes, onde todo o ano o ganhão roça mato, disputando a escassa cêba às cabradas que se empinam pelos fraguêdos nús. E a ovelha só encontra, neste fim de verão, algumas ervas tenras nas leivas que se debruçam sobre o ribeiro exangue.

A brêda é o único povoado que se avista, no surgidouro duma enseada de verdura, decaído o regato que a banha para o rio Criz, que vem do Caramulo, de Silvares, perto de Varzielas...

Atravessamos Brêda e Criz sobre graciosas pontes metálicas (126 e 200^m). E logo termina a atormentada paisagem. Vencidas novas pontes, a de Vale da Loba (131^m), em granito aparelhado, com os seus cinco arcos, e a do Cabril (188^m), desafogado o horizonte Santa Comba surge, no prolongamento duma elevação cortada pelo Criz, para juntar-se ao Dão que, nascendo entre Aguiar e Trancoso, decorre por Penalva, Nelas e Tondela, até acabar aqui perto, no Mondego.

Da vila até ao rio, que a abraça e opulenta, as culturas dispõem-se em socalcos, lembrando o Douro; forma-se um trono,

firme no viaduto, assente até Colmeosa, Coito, S. Joaninho e Vila Pouca, delimitando, em quadrilátero formosíssimo, terras de sementeira, oliveiras e vinhedos.

É uma região feracíssima a da Beira Alta, dêse o fundo dos vales à cumieira das serras erguendo o seu esplendor. Estende-se entre Caramulo e Estrêla, topa ao sul com o Buçaco, e espraia-se para norte pelos campos de Vizeu até Tarouca, Facho e Senhora da Lapa, mostrando-se ainda à Gralheira e Montemuro. A paisagem toma tonalidades diversas, mas o céu, o ar e as águas são iguais e conformes. De Mortágua-Penacova a Arganil-Gois, dêse Castro Daire-Frágoas a Celorico-Gouveia, a mesma raça abriu os alicerces do provincial solar, onde vive a gente mais equilibrada da Península — altivez sem arrogância, economia sem avareza, audácia sem teimeridade, paixão sem desvairemento, religião sem fanatismo — a mais doce na paz, a mais bélica na guerra. O beirão, tão amoroso da sua terra, emigra muito, porque sobretudo preza a independência e procura a abastança com tenacidade, mas, enriquecido ou remediado, volta sempre aos seus rudes montes ou às suas rudes campinas, nostálgico do seu lar.

Desde Mortágua (92 metros de altitude) que vamos subindo sempre: Santa Comba Dão (210) Carregal do Sal (250), Oliveirinha (300), Canas de Senhorim (350)...

O castanheiro, extinto nas baixas, resiste no planalto à fúngica devastação. O carvalho por todo o caminho frondeja.

Nos recessos da planície, na orla dos bosques, garridas povoações; os seus novos *chalets*, caiados, rodeados de pomares, engrinaldados de roseiras, contrastam com os altos casais de granito bruto e nú, de acanhados janelos e velhas varandas, velados pelos sobreiros côr de cinza, ásperos e seculares.

O dia há-de ser quente, mas ainda a

esta hora o orvalho, que corrige as secas do verão, rebrilha nas moitas e nas plantas rasteiras das ravinas: simples teias de aranha, rociadas, cintilam; de tojo a tojo fulgem diamantes de Golconda, pérolas de Ceilão, safiras, ametistas, turquesas, rubis e esmeraldas — joalharia magnificante e quimérica...

Chegámos à estação de Nelas (420 metros de altitude) avizinhada de fábricas, com o tódas as estações do percurso, dêse a Pampilhosa.

Aqui termina a nossa viagem — em caminho de ferro.

Vinte léguas ao redor são de antigos concelhos, orgulhosos dos seus forais, anteriores alguns à fundação do reino. Terras livres, de homens livres, essas



A Cruz alta do Buçaco

pequenas repúblicas sem dúvida se afirmam heroicamente nas lutas da Reconquista, mas é no labor agrário que lavram seu braço e vêm a firmar seu timbre...

O concelho de Nelas é um importante centro agrícola onde os melhores processos de cultura são aplicados com inteligência e êxito. Possui minas de urânio em activa exploração e a sua vida comercial e industrial é já intensa. Mas a vila — sita na linha divisória das águas do Dão e do Mondego — às horas em que nela entramos, calada e recolhida, parece êrma, tóda afogada no silêncio dos campos.

LOFES D'OLIVEIRA.



Vista parcial de Penacova

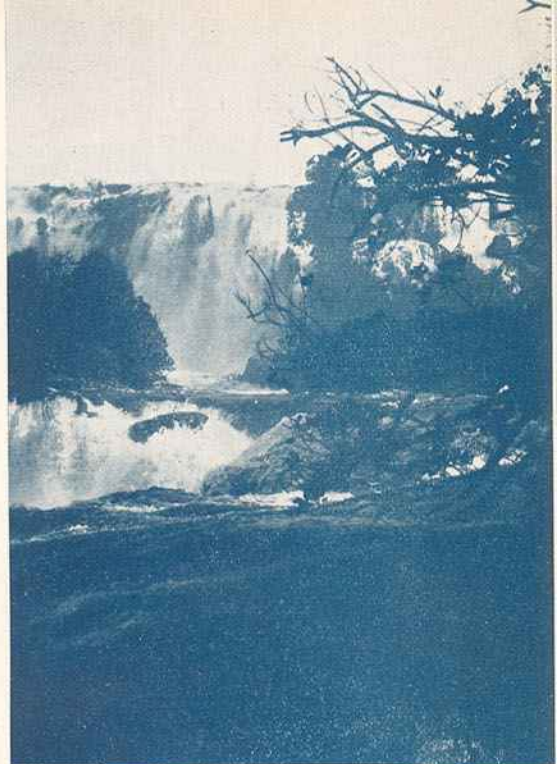
A EXPOSIÇÃO-FEIRA DE ANGOLA

Vai realizar-se em Luanda, no mês de Agosto do ano corrente, a Exposição-Feira de Angola, que será o documentário expressivo e completo do desenvolvimento económico de toda a Colónia, da ocupação administrativa e técnica que nela se vem efectuando, do seu constante avanço sob o ponto de vista social.

Com rigorosa verdade, Angola mostrar-se-á, naquele certame tal qual é, colocando, perante os olhos de todos, o quadro magnífico das suas realizações e das suas possibilidades, a expressão fiel das resultantes duma acção colonizadora tão intensa e extensa como cativante e humanitária, o documentário impressionante das suas paisagens e da variedade e riqueza da sua fauna e da sua flora.

Que todos aqueles a quem interesse conhecer Angola, na sua actividade, agrícola industrial e comercial, nos seus aspectos sociais, nos seus atractivos turísticos aproveitem esta oportunidade.

Em cima, à direita: Quedas do rio Chiumbre, na região de Malange. — Ao centro: Um sobêta ginga do posto civil de Mucari. — Bailados de raparigas da Lunda. — Em baixo: Vista da cidade de Luanda





Sobre o gôlo das lago anexas, um par de campeões da potinagem oferecem uma graciosa visão da sua arte

Os caprichos da preferência ou desinteresse português por determinadas modalidades desportivas são completamente inexplicáveis. Assim, por exemplo, não é fácil encontrar justificação à indiferença do público e dos praticantes pelo "cross" ciclo-pedestre, quando é notória a popularidade e considerável a expansão do ciclismo desportivo no país.

Desde Outubro até Março, durante cinco longos meses, as competições em bicicleta desaparecem dos nossos programas de actividade onde poderiam figurar com vantagem se exercessemos uma propaganda hábil a favor da vulgarização das corridas em corta-mato, extraordinariamente espectaculosas e de alto valor desportivo pelo conjunto notável de qualidades atléticas que exigem dos cultores.

Sucedem, porém, e talvez por esta última razão, que as iniciativas até agora levadas a efeito no sentido de criar interesse pela especialidade, não encontraram acolhimento favorável da parte dos campeões ciclistas e o público, faltando-lhe o chamariz dos nomes consagrados na sua estima, alheou-se por completo das organizações; esta situação, agravada pela falta de persistência dos dirigentes, impediu o desenvolvimento natural da prática do "cross" ciclo-pedestre.



As provas ciclistas de corta-mato constituem um empolgante espectáculo desportivo cuja divulgação se impõe em Portugal

de classe e experiência; ao cabo do primeiro quilómetro a competição propriamente dita desaparecera, tão espaçados se encontravam já os corredores, e a prova resumiu-se em quasi tódia a sua extensão ao simples desfile periódico de ciclistas atarefados.

Quando a espectadores, eram quasi tantos como os concorrentes.

Porque este género de provas possui, voltamos a dizê-lo, todos os requisitos para se impor na estima do público e vale um excelente treino preparatório para a época de estrada àqueles que o praticam, bem avisados andariam os organismos que promovessem a disputa duma série de corridas ciclistas em corta-mato assegurando-se previamente junto dos clubes a participação dos corredores independentes de nome consagrado. Precedidos duma propaganda insistente na imprensa, essas provas teriam êxito assegurado.

Em França, onde este género de corridas desperta grande entusiasmo, disputou-se a mais importante competição da época, chamada Critério Internacional e onde participam com equipas seleccionadas de quatro homens as Uniãoes Velocipedicas Nacionais dos países aos quais a modalidade interessa. A prova deste ano concorrem, além dos franceses, belgas, luxemburgueses, suíços e italianos, cabendo a vitória final à equipa de França cujo melhor homem, Robert Oubron al-

maça Critério Internacional e onde participam com equipas seleccionadas de quatro homens as Uniãoes Velocipedicas Nacionais dos países aos quais a modalidade interessa. A prova deste ano concorrem, além dos franceses, belgas, luxemburgueses, suíços e italianos, cabendo a vitória final à equipa de França cujo melhor homem, Robert Oubron al-

A QUINZENA DESPORTIVA

cançou também o primeiro posto individual.

Ao longo de todo o percurso, através de bosques e terrenos acidentados, sobretudo nos locais dos obstáculos mais difíceis de transpôr, aglomerava-se uma multidão que não hesitava em deslocar-se a alguns quilómetros de Paris para assistir aos incidentes da corrida. Com um pouco de boa vontade e trabalho poder-se-ia provocar em Lisboa um interesse semelhante, salvadas as devidas proporções dos dois meios, e teríamos desta forma mais uma variante a enriquecer os programas invernais do desporto, monotónizados em torno das exclusivas manifestações do football.

A comissão técnica da Federação Internacional de Atletismo só de dois em dois anos se reúne para homologar os resultados que lhe são transmitidos como novos records mundiais. Desde Julho de 1936, por ocasião do torneio olimpico de Berlim, nenhuma reunião voltara a efectuar-se, pelo que uma lista de 42 tempos e distâncias esperava a decisão oficial que há dez dias veio a ser promulgada pelo congresso federativo.

Os novos records reconhecidos foram em número de 28, e entre eles figuram dois que fazem história: o dos 100 metros em 10,2 segundos pelo negro americano Jess Owens e o dos 110 metros barreiras em 13,7 segundos pelo americano branco Fred Towns.

Estes dois tempos foram apresentados à Comissão com despacho desfavorável do secretário técnico, o primeiro basean-

do-se em que à pista faltavam dois centímetros e o segundo argumentando sem bases concretas sobre a pouca confiança que deviam merecer os resultados do concurso de Oslo no qual Towns conseguira o seu triunfo.

Afinal os restantes membros divergiram de critério e os dois tempos foram propostos e homologados.

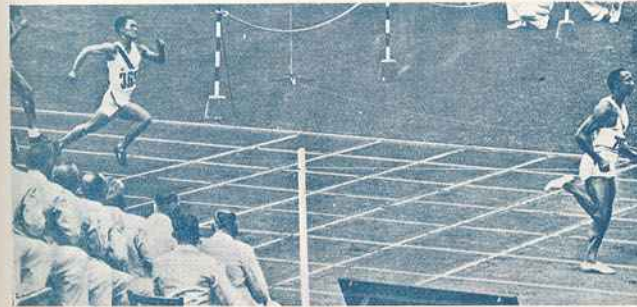
Entre aqueles resultados em suspenso figuram o da estafeta 4x800 metros em 7 m. 35,1 s., pelo quarteto americano Hornbostel, Young, Williamson, Woodruff e dos 2m.09 em altura por Melvin Walker, cujos processos não foram entregues ainda na Internacional apesar de obtidos nas mais seguras condições de regularidade, e o do lançamento do martelo a 60m.57 pelo médico irlandês Patrick O'Callaghan, em atrazo por motivos de litigio na filiação da respectiva federação nacional.

O fenomenal Owens, o homem das quatro medalhas olímpicas de ouro, passa assim a ser detentor exclusivo do mais invejado record do mundo, do qual era já titular na companhia de oito corredores de velocidade de diversos países.

A marca que lhe foi agora arquivada, data de 1936 e foi estabelecida em Long-Island, mas não devemos esquecer que na meia-final olimpica o mesmo tempo fora declarado pela insuspeita cronometragem eléctrica e arredado a pretexto de ligeiro vento favorável que só um excessivo rigor de aparelhagem poude determinar.

Quanto ao resultado de Fred Towns na clássica prova de barreiras, basta dizer que melhora o antigo record mundial de dois quintos de segundo o que corresponde aproximadamente a três metros e meio na pista, para pôr em foco o valor da proeza. A oficialização do tempo ao campeão olimpico de Berlim, eliminou das propostas os 14 segundos alcançados em Nova York por Osgood e Lavery e cujos processos a federação americana enviara também para maior segurança.

Para fechar a referência, apontemos



A impressionante vitória de Jess Owens na meia-final olimpica dos 100 metros, quando conseguiu o tempo-record de 10,2 segundos, que agora foi homologada



O encontro Benfica-Pêro foi um dos mais animados do Campeonato da Liga, vencendo os lisboetas, de quem apresentamos um dos pontos alcançados

que o record do salto à vara subiu para 4m.54 pelos americanos Sefton e Meadows; entretendam-se os leitores a medir a altura na parede do seu prédio, recordem que quaisquer 3m.10 chegam para ser campeão de Portugal, e passem depois que nos não envergonhamos de lhes fazer companhia.

Foi tão extraordinário o êxito alcançado no ano findo pelo II Concurso de Gimnástica Educativa organizado pelo Gimnástico Club Português e tamanhos os benefícios que esse certame tem trazido à propaganda da educação física, que podemos considerá-lo um acontecimento de interesse nacional. A sua ausência no programa de actividade anual do meio seria um prejuizo e a regularidade da sua organização não pode ser dispensada para garantia de maior afluência de concorrentes.

Por diversas vezes nos temos referido a este concurso, sugerindo sempre a oportunidade de aperfeiçoar o seu regulamento aproveitando os ensinamentos do passado e focando a vantagem duma preparação antecipada; em 1937, o regulamento foi distribuído por todas as

entidades interessadas em princípios de Janeiro, tendo muito antes sido solicitados alvites sobre as convenientes modificações ao texto do primeiro concurso, algumas das quais vieram a reconhecer-se criteriosas e foram aproveitadas.

Estamos já em meados de Março, as provas do III Concurso foram fixadas para princípio de Maio e a comissão organizadora só agora distribuiu os regulamentos pelas colectividades interessadas, nada mais tomando público sobre as condições de realização das provas.

Ignoramos os motivos que levaram o Gimnástico a esta atitude, mas lamentamo-la porque vai prejudicar o êxito da sua excelente iniciativa, prestando-se a interperações maldosas e a fundamento à ausência de participantes cuja presença seria muito interessante.

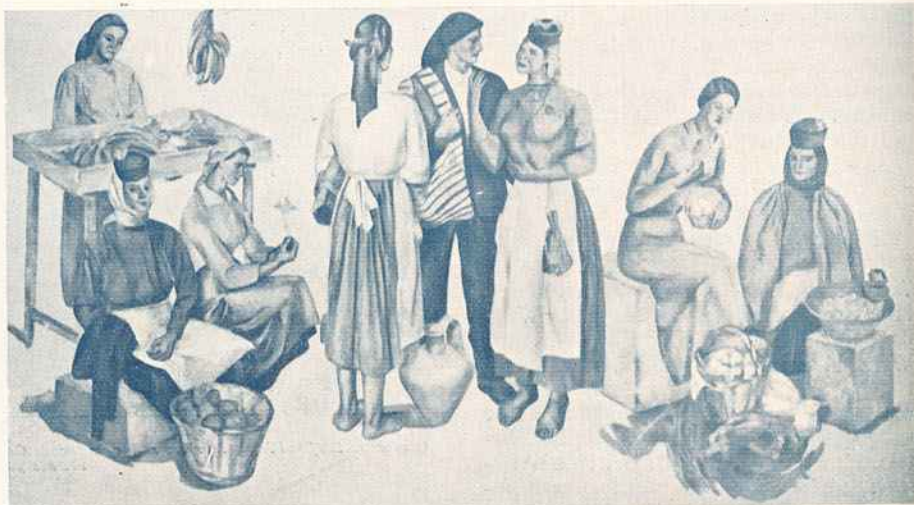
Nas disposições regulamentares do próximo concurso enontra-se a cópia exacta daquelas que serviram para o precedente, apenas com a descriminação das classes infantis de frequência voluntária em meninos, meninas e mistas, e a indicação das condições em que é permitida a concorrência das classes constituídas pela "Mocidade Portuguesa".

Parece-nos que teria havido vantagem para o aperfeiçoamento do certame, em proceder como em 1937, solicitando previamente alvites aos organismos cuja simpatia pelo empreendimento ficou provada com a precedente participação; ter-se-ia assim corrigido, talvez, algumas imperfeições das quais a mais importante é a que diz respeito aos limites de idade escolhidos para as diversas categorias e que a experiência provou claramente serem desproporcionadas.

Prefeririamos, por todos os motivos, que houvesse sido adoptada a divisão estabelecida para os escalões da "Mocidade Portuguesa", muito mais racional.

Estas reservas, no entanto, em nada afectam a certeza do brilhantismo do torneio, para o qual reservamos desde já o nosso mais sincero aplauso.

FIGURAS E FACTOS



As gravuras acima reproduzem dois magníficos *panneaux* decorativos do ilustre pintor Miguel Barrios, focando costumes de Leiria. Figuram no Restaurante Café Santiago, mostrando, além do seu esplêndido colorido, o poder de observação do seu autor



Homem Cristo—o vigoroso jornalista de *O Povo de Aveiro*—há dias, foi alvo dum carinhosa manifestação por parte dos seus amigos e admiradores. 78 anos de vida e mais de meio século de trabalho glorioso que merece o respeito dos próprios adversários do formidável panfletário. Constituiu, em suma, a mais bela e a mais eloquente manifestação ao caracter



A. Botelho da Costa Veiga—o erudito director da Biblioteca Nacional— acaba de publicar *Questões históricas*, livro dum a serenidade esmagadora em que se patenteia a sua razão e o seu valor



Mais um livro do poeta Salema Vaz. *Férias Gran-es* se intitula, embora o seu autor, pelo visto, não tenha férias nem grandes nem pequenas, pois produz sempre, infatigavelmente. Quando não escreve para os grandes escreve para as criancinhas—e sempre inspirado



Com o dr. Sabino Coelho extingue-se o decano dos cirurgiões portugueses que constituía uma verdadeira reliquia dos meos científicos portugueses. A sua longa vida foi um nobre exemplo

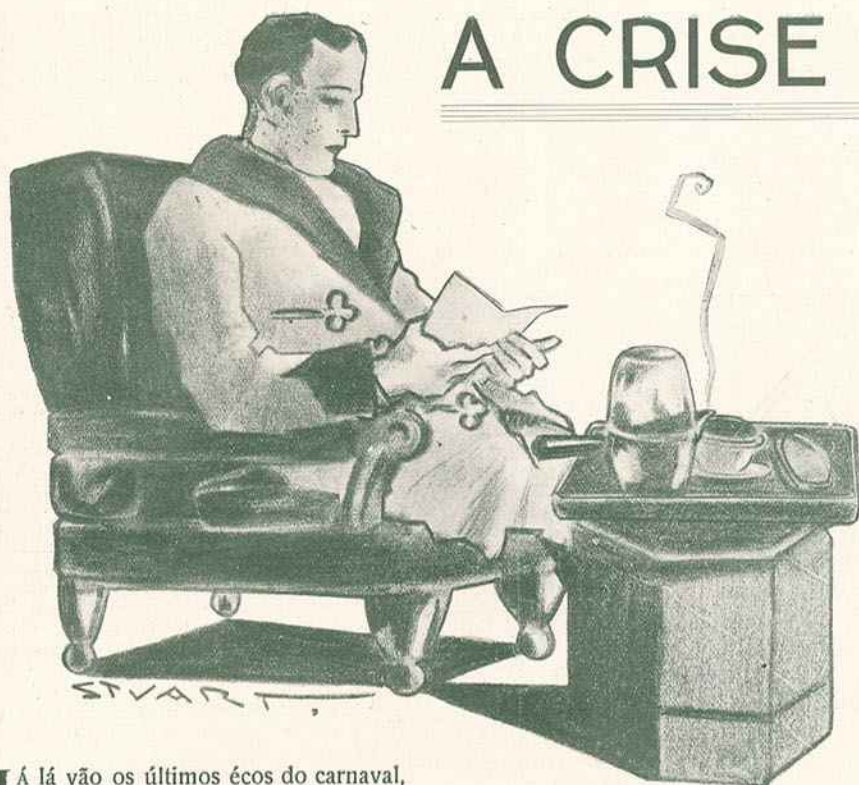


Homenagem prestada ao sr. major Hornung por motivo da criação da Caixa de Assistência do Pessoal da Refinaria Colonial



Aspecto do baile realizado no Sábado Gordo no Casino do Estoril e que revestiu o mais extraordinário brilhantismo

A CRISE DO LIVRO



Já lá vão os últimos écos do carnaval, quadra quasi caída em desuso, mas que ainda alguns aproveitam para disfarçar mágoas e esquecer momentos amargos.

Nesses quatro dias, esqueceram-se preocupações e cuidados, puzeram-se, de parte os problemas da curiosa aritmética de fazer contas sem numerário, que os pobres têm que resolver com a ajuda das almas generosas que ainda livres da enxurrada de egoísmo que aí escorre, repartem, com os seus irmãos infelizes, um pouco do seu pão.

Já lá vão esses écos festivos que adornaram as conseiras e as dificuldades, que são para a maior parte dos mortais o bôdo diário com que a fortuna tapa a bôca, irónica e cruel, aos que solicitam os seus favores.

Entrámos na época propícia à reflexão, ao meditar profundo sobre os casos graves que se apresentam ao nosso espírito.

Um dos mais nefastos sintômas, para a nossa vida espiritual e económica, é a crise angustiosa porque está passando o pensamento escrito.

O livro tem baixado na estima das gentes, e os volumes fazem nas estantes das casas de venda, como os pobres sinistrados à espera duma voz salvadora que os resgate de tal cativo.

Não se calcula quanta gente sofre com este desprendimento que o público accentua, dia a dia, pelo pão do espírito.

Se nem todos os escritores vivem, como eu, exclusivamente do produto dos meus livros, a muitos deles também falta esse acréscimo no seu orçamento, alguns com família a sustentar e outros encargos.

Os tipógrafos, os brochadores, os encadernadores e toda essa grande família

que vivem do livro, fazem bancarrota nos seus lares, porque os livros não se vendem e, portanto, os editores não podem lançar ao mercado novos trabalhos.

E aqui está uma classe altamente prejudicada com esta indiferença que atinge a letra da imprensa — a classe dos livreiros-editores.

Empatam capital em dar ao mercado obras de valor que muito contribuiriam para a educação mental do povo, e ficam com elas no armazem e algumas consequências graves e tristes aí vemos: Livrarias que em tempos melhores, não muito distantes ainda, em que a humanidade procurava instruir-se ou recrear-se com a leitura de um bom livro, estão passando por mil atribulações.

E digo humanidade, porque a crise é geral, mas mais tangível num país com um mercado livresco restricto como o nosso.

Ainda agora acabei de escrever, no catálogo dos leilões que o livreiro Gomes de Carvalho vai fazer, um prefácio do qual destaco para este lugar o seguinte trecho:

"A-pezar-de até em França se queixarem presentemente da descida do livro e procurarem todos os meios de aliviar essa indústria de encargos, para melhor fazer face à dificuldade do seu desenvolvimento, a situação, ali para os que escrevem e vendem livros, é ainda um El-Dorado, comparada com o que se passa entre nós."

Imagine o leitor, para fazer uma idéia da extensão do mal, que o Gomes de Carvalho, a-quém todos os seus colegas fazem justiça, considerando-o um traba-

lhador honrado e diligente da classe, tem que recomeçar vida nova aos setenta anos, quando devia ter o pão assegurado.

Pois não o tem. Atingido pela reforma do limite de idade num emprêgo que o ajudava a viver, conta apenas com uma livraria abarrotada de edições que não se vendem, e vê-se forçado a recorrer aos leilões.

E como êle há mais que procuram defender-se com êsse recurso.

Com esta má disposição do público para com o seu pão espiritual, outros e outros livreiros serão atingidos pelo mesmo mal que vai alastrando.

Como é preciso abrir os olhos aos indiferentes, e espalhar bem a terrível situação que a indústria do livro atravessa neste momento, procurando por todos os meios as suas melhoras, transcrevo ainda do citado catálogo mais êstes períodos que escrevi na melhor das intenções:

"O público precisa de convencer-se de que não é o só o merceeiro e homem do talho que lhe dão as calorias e tôdas essas vitaminas precisas à vida.

"Há outras calorias mais preciosas e outras vitaminas tão indispensáveis como as que vendem êsses prestimosos cidadãos, que tratam do nosso corpinho, às vezes com preços bem puxados.

"São as calorias e as vitaminas de que o nosso espírito precisa para se manter de forma a poder enfrentar os vários problemas que a vida nos oferece e que só se encontram nos livros.

"E se nalguns a substância não é tão concentrada em valor nutritivo para a inteligência, não deixam, por isso, de ser úteis, porque, quando não instruem, distraem.

"E, portanto, um livro nunca é inutil nem completamente dispensável.

"E' preciso que o público compre livros para seu bem e para ajudar numa leal camaradagem os que vivem desta indústria.

"Os livreiros são o mediano entre o escritor e o público, são o elo que liga o leitor ao seu leitor predilecto, e não sendo auxiliados também na venda das suas edições não podem continuar mantendo essa ligação.

Sob o ponto de vista cívico, também é de todo o ponto indispensável que o povo — e eu englobo tôdas as classes nesta palavra, símbolo duma nação — leia e se instrua, para que se integre melhor na vida do seu país, para compreender por si só, e não estar à mercê de interpretações mais ou menos fieis, e não fazer essa triste figura de rir por ver rir os outros, nem saber porquê.

MERCEDES BLASCO.



A mulher desse tempo não tinha liberdade, mas tinha as atenções do homem, seu contemporâneo, e, essas, a mulher libertada de hoje não pode contar com elas.

Considerada em comuão, olhada como uma rival na luta pela vida, o homem não tem hoje a menor gentileza para com a mulher, que fuma e joga, como ele, que no pinico concueto em que ambos se propõem a candidatas, é muito capaz de ficar superiormente classificada. O marido não a acompanha, visto que a conhece só, sem ninguém a protegê-la, julga-se desobrigado de fazer. A mulher só recebe



A felicidade é o supremo anelo da humanidade, anelo raramente atingido, porque a felicidade consiste em cada um, sem se sentir bem dentro daquilo que possui, e tratar de se arrumar o melhor possível neste mundo, contentando-se com o que Deus lhe dá, e, são bem raros os que assim conseguem viver.

A luta pela felicidade é um dos motivos das maiores infelicidades e grandes desgraças, mas devemos essa complicada questão e vamos pensar na felicidade da mulher dos nossos dias, e, compará-la à felicidade da mulher de ontem.

Será mais feliz a mulher libertada de hoje, libertação que deu tanto trabalho, que custou tanto sacrifício, do que era a mulher — segundo se diz — escravidão de ontem?

É uma resposta muito difícil de dar apesar da pergunta parecer à primeira vista muito fácil.

A mulher de hoje, tem vastos horizontes onde expandir a sua imensa fantasia. Pode dizer-se que todas as carreiras lhe estão abertas, todos os estudos lhe são fructuosos. Desde muito novo, cria-se maqui, está habituada a uma grande liberdade, sai só, vai para os seus estudos, para o seu emprego, tem a responsabilidade dos seus actos, ganha o seu dinheiro, que gasta como entende, isto a mulher que estuda, a mulher que trabalha.

A mulher da sociedade, senhora de si e da sua casa, tem também a maior liberdade. Qual a mulher de hoje, que não vai só? Dispõe de si, vai para os clubs, para os «Ma Jaudes» para toda a parte sem dizer para onde vai. Fuma, joga e tem uma liberdade de maneiras, que a torna... o camarada do homem.

Tivê também a compreensão dos deveres que essa liberdade lhe acarreta? É um assunto que hoje não discutiremos, mas que é também muito importante. A mulher de ontem via desde criança amparada pela ternura e pelo carinho dos seus. Não frequentava os liceus e fazia os seus estudos no collegio de meninas onde era acompanhada todos os dias, se não estava internada.

A sua vida estava limitada a ser esposa e a ser mãe, se por acaso não casava, ficava atida à protecção dos seus, se precisava trabalhar, fazia-o em trabalhos femininos, caseiros, bordava, costurava, fazia flores, e empregava a sua actividade em casa. Não saía só, e sempre acompanhada fazia as suas compras, porque de negócios não tratava.

A senhora de sociedade, só ia a festas, onde seu marido a acompanhava, ou onde acompanhava as suas filhas já senhoras, mas nunca os homens da família se julgavam desobrigados de escoltar as senhoras e se o marido e pai, não podia fazer um irmão, um filho se encorajava desse cavalheiresco gesto de acompanhar as senhoras, que em toda a parte tinham o primeiro lugar.

atenções quando é noiva, bela e cortejada, mas essas atenções não escondem qual o seu fim, que é brutalmente despendido sem rodeios nem precauções.

É talvez por isso que a mulher de hoje luta desesperada e inutilmente pela mocidade e pela beleza que passam. Os institutos de beleza estão cheios, nas ruas, cruzamos senhoras de idade com uma «maquillage» formidável e ingénua cabelheiras de loiros caracões e assim inconscientemente a mulher perde o direito às últimas atenções: as que se devem a uma senhora de idade.

A mulher de ontem se não tinha a liberdade tinha o carinho e as atenções do homem. Na vida o seu fim era a família, via para o marido e para os filhos, divertia-se com o marido e com os filhos, nas festas que a família reunia frequentemente.

Os melhores lugares eram para as senhoras, não havia um único homem sentado enquanto houvesse uma senhora em pé. Era-lhes oferecido o apoio dum braço respeitoso, para atravessar uma rua. A mulher via rodeada de atenções e envelhecia naturalmente, no carinho dos seus, e não aumentava o respeito com os anos.

Os cabelos brancos traziam mais respeitosa atenção, e a mulher não temia ser tratada de bagagem inútil, porque já não era noiva nem bela, antes tinha a certeza que maiores cuidados a rodeavam. Qual destas mulheres teria mais felicidade?

A mulher moderna tem, sem dúvida uma vida mais livre e independente, mas enquanto à felicidade; a essa felicidade que nos vem do coração e que se traduz por carinho e afeição, essa

PÁGINAS FEMININAS

terna felicidade, que é feita do amor familiar, da união de todos, do respeito e da protecção do marido, que olhava a sua mulher como um ente a quem devia todas as atenções, essa felicidade conheceu-a a mulher de ontem e poucas são as mulheres de hoje que a possuem.

MARIA DE EÇA.

A moda

A primavera espreita-nos e como sempre o faz, umas vezes sorridente e bela, outras carrancuda e mal humorada.

Oh! Não seja ela feminina cheia de nervos e de humor saltitante e escandalosamente vario! A primavera que nos traz dias lindos, alegres, floridos, dias em que se renasce para a vida num deslumbramento de luz, que nos inunda da alegria vibrante do sol e da luz; do verde tenro das arvores, da florescência das plantas, traz-nos também os dias cinzentos e ventosos, que num arrepiro nos lembram o inverno, que já supúnhamos passado, os dias negros e tristes em que sentimos a alma oprimida, como acabrunhada está a natureza com o tempo sombrio e borrasco.

E preciso pois ao vestirmo-nos na primavera não esquecer as transições rápidas que nesta es-



que é apertado na cintura por uma faixa do mesmo veludo, que termina por duas grandes borlas em fróco de veludo. Uma «toilette» muito própria para senhora.

Vestido «tailleur» tres quartos em «tweed» cinzento. Saia simples e lisa, casaco ajustado na cintura com amplas mangas nos ombros, bandas vulgares e sem gola. Por dentro blusa em «crêpe marocain» no mesmo tom. Chapéu boina em «laize» preta, luvas pretas.

Linda «toilette» de viagem, a que nos apresenta Rita Johnson, joven e graciosa estrela da Metro Goldwyn Mayer, ao desembarcar duma viagem de avião.

Em «jersey» de malha esse tecido que continua a usar-se e que é um dos mais comodos, porque sendo confortável, adapta-se ao corpo, deixando livre os movimentos tem uma linda combinação de cores, azul escuro e amarelo casquinha abotoada até ao pescoço que é guardado por uma pequena gola voltada. Como única guarnição o cinto que é formado por corrente em metal dourado, que termina por duas borlas em seda azul escura. Chapéu em palha azul escura com uma borda em peninhas da mesma cor.

Vestido para menina em «taffetas» vermelho escuro, do mais gracioso efeito, saia muito rodada desde a cintura que é ajustada num cinto encordado. O corpo muito simples é franjado no pescoço onde aperta com um laço em metal branco. Mangas ligeiramente tufadas e até ao cotovelo.

É um vestido gracioso, que serve para a rua e para sala.

Para a noite vestido em «cloque» branco marfim, completamente liso e justo até ao joelho. A frente apanhado em franzidos que deixam ver na frente um bico em veludo cor de rubi.

Uma grande echarpe em veludo cor de rubi forma a guarnição do corpo do vestido e cai até ao chão numa longa ponta. É dum efeito muito distinto o laço do «crêpe», com o brilho do tecido e da cor da longa «echarpe» aconselhável às senhoras delgadas e altas.

A mulher de hoje

Não é a mulher de hoje esse ente delicado e hesitante, que não sabe o que quer, medrosa e tímida como o era a mulher ha cem ou mesmo cinquenta anos.

Todos os dias temos provas da sua audácia e da sua perfeição no trabalho. Ainda ha pouco na Alemanha uma mulher se evidenciou pela sua pericia e audácia.

Anna Reitsch conhecida aviadora fez num helicoptero de duplo motor uma audaciosa proeza que demandava sangue-frio audácia e pericia.

No «hall» das exposições nova exposição de avioes fez uma súbita, uma volta em todo o imenso hall e uma vertiginosa descida e recuando collocou-se ao aparelho, justamente no lugar de onde tinha saído.

Foi admirada e com razão pela imensa multidão que enchia o vasto recinto, pois que é mais difícil um voo nestas condições que fazer um longo percurso.

A mulher de hoje tem a consciência do que pode a energia e a audácia.

A diferença de público

HA uma enorme diferença entre o público inglês e americano e o público latino, principalmente o público italiano, espanhol e português.

O publico inglês e americano tem o culto dos artistas e da sua fama, quer seja actor ou cantor, ainda que tenha perdido muito da sua frescura e mocidade, e mesmo da sua beleza se fór mulher, tem a certeza de encontrar no publico de Inglaterra e da América do Norte, o mesmo afável acolhimento que recebia quando a juventude e a beleza o acompanhavam.

O publico é lhe fiel por tradição e lhe fiel por gratidão e nada o obriga a ser grosseiro, ha no

seu acolhimento uma ternura compassiva, comparável a que sentimos pelos velhinhos que teimam em viver mais do que o vulgar.

O publico italiano, espanhol e português não tem esses sentimentos e é dum crueldade às vezes durissima, paga o seu lugar e exige bons artistas, e lhe indifferente que tenham sido bons actores no seu tempo, o que quer é que o sejam no momento em que se exibem. Adelina Patti a grande cantora a última vez que cantou em Itália, foi vilina desta maneira de ver. Num concerto em Roma cantava a conhecida aria «O beijo» que começa com as palavras, «Beija-me, beija-me» a grande Dina tinha mais de sessenta anos e ouviu-se da geral uma voz que gritou:

«E' tarde para pedir beijos».

Uma colossal gargalhada cobriu o canto e a Patti que era corajosa acabou a canção mas nunca mais cantou na sua pátria.

A crueldade e a falta de galanteria dos seus patrios indignaram-na profundamente, e valem-lhe nessa noite algumas dolorosas lágrimas.

Em Londres onde tinha um publico de adoradores, cantou Adelina Patti ainda muitos anos, é sempre acolhida com essa ternura que envolve os artistas e os eleva ao praezer que dá a glória.

O publico latino dum crueldade enorme não hesita em deitar por terra e espesinhar, aqueles que foram os seus ídolos.

De mulher para mulher

Alda: — Não tenha essa idéa, que nada justifica, apresente-se naturalmente tal como expunha a sua maneira de pensar com a máxima franqueza. Creia que é muito melhor logo de começo entabular essas relações com a maior lealdade. Não será acusada mais tarde de ter sido desleal.

A sinceridade a pesar-de tudo o que se diz é a melhor arma para vencer.

Julietta: — Tem cursos noturnos onde pôde matricular o seu filho. Assim elle poderá adeantar os seus estudos continuando empregado. Não lhe digo que sejam muito bom pagos os trabalhos femininos, mas bordando assim bem é natural que consiga esse auxilio, que lhe é necessário. E creia que só pôde ser louvada e apreciada por tomar essa decisão.

Idealista: — Sabe que não acho muito idealista, antes bastante materialista com esse desejo de divertimentos tão exacerbado. Creia que na vida é preciso qualquer coisa mais do que o divertimento, porque sendo esse o unico fim da vida,



acaba por ser uma monotonia e um aborrecimento. Devemos ter na vida um fim mais sério e divertirmo nos de vez em quando, como um prêmio ao trabalho. Creia que é a melhor maneira de apreciar os divertimentos.

Triste menina: — Desculpe-me o que lhe vou dizer mas parece-me que seria um pseudónimo mais próprio o de «Viuva alegre» tão preocupada, com divertimentos a viver, mas sendo tão nova e já com 2 anos de luto é natural esse renascimento para a vida. O uso das cores não é prohibido, como diz, é uma questão de sentimento e de uso também. O azul escuro não é como diz uma cor de luto, o roxo ou o cinzento estão incluídos, como tons lutosos; se quer continuar o luto escolha uma destas cores, querendo deixá-lo pode usar qualquer cor.

Alba: — Deixe estar o seu cabelo da cor que tem. O cabelo com a pintura acaba por se estragar e fica muito feio e áspero. Todas as senhoras que pintam o cabelo em chegando a certa idade arrependem-se.

Naturalmente que para fazer «ski» é preciso sempre divertirmo, mas nunca lá fui e não posso dizer-lhe nada sobre isso.

Higiene e beleza

A PEAR de todos os cabelheiros dizem que é a ondulação permanente não esapa o cabelo, é conveniente não fazer mais do que uma por ano, porque em geral em seguida a um permanente dá-se uma grande queda de cabelo.

A verdade é que o cabelo não aproveita nada com as torturas a que a moda o sujeita. As decorações, as ondulações permanentes ou Marcel, são sempre prejudiciais aos cabelos.

É a prova é que nas raparigas da aldeia se vêem lindas tranças e esplendidos cabelos que não são torturados pelas invenções da moda. Quer quizer ter um bom cabelo não deve martelá-lo, mas sim deixá-lo viver naturalmente.

Fazer uma lavagem uma vez por mez, e tres dias antes dessa lavagem fazer todas as manhas uma fricção de oleo de ricino purissimo, em todo o couro cabeludo.

Todas as manhas arrej o cabelo deixando-o solto pelo menos uma hora, as senhoras que já o tenham comprido e não o acamando nem encarcando as que ainda o usam curto.

Para um cabelo normal que não esteja doente não é preciso fazer qualquer outro tratamento.

O jogo foi, é, e será sempre um dos vícios da humanidade; vício inexplicável e por isso mesmo mais arraigado.

O jogador parece que tem um único desejo: ganhar, mas como sempre acaba por perder não é fácil explicar a sua teima, que em geral o arruina. De tempos imemoriais o

homem joga e já nos tempos bíblicos existiam os dados e havia os apaixonados jogadores.

Mas o jogo nesses tempos, como nos que se lhe seguiram era privativo do homem, era um vício que não entrava na alma da mulher, era um passatempo, que não lhe roubava um minuto do precioso tempo que na terra viviam.

O jogo nessas épocas longínquas e tão diferentes do nosso tempo, era usado pelos soldados nos acampamentos e nas alforjas e bêcos das cidades, a tavolagem como então se lhe chamava, era quasi que uma vergonha da sociedade, era como que uma lépra, que se escondia e que envergonhava aqueles que o praticavam. Jogar não era elegante e andava o jogo a par com a bebida, com os maus costumes por bêcos sombrios, por casas de má fama.

Mas o mal alastra e quando se quer introduzir na vida humana para a rebaixar, eleva-se elle à categoria de elegante, é esta uma maneira que não falha de trazer a humanidade à prática de aquilo que devia evitar.

Os reis lançaram a moda do jogo do rei. Em Versálhes era célebre o jogo do Rei em que as damas da cõrte começaram a tomar parte, e, com o entusiasmo que a mulher pôe em tudo o que faz. Rezam as crónicas, que nem sempre jogavam com a correccão que era de esperar, nem tão pouco mantinham a linha exigida numa dama da cõrte.

O século XIX que nos trouxe muitas inovações nem tôdas vantajosas, depois de implantar na Inglaterra o costume dos «clubs» esses pontos de reunião só para homens, em que elles se libertam da companhia feminina e convivem num completo à vontade, bebendo, jogando, fumando sem que haja a temer a censura duma esposa ou duma filha, espalhou por toda a Europa e por todo o mundo o hábito do «Club» para o homem.

Mas em geral nesses «clubs», jogava-se o chamado jogo de vasa e isso não era bastante, surgiram como por encanto os Casinos, de que o de Monte Carlo é o padrão e é ainda hoje um dos mais ricos, e, sem erro se pôde dizer o mais bem situado de todos, em plena Côte

O JOGO NA VIDA MODERNA

d'Azur, com os seus terraços floridos e a atracção do seu magnifico clima que o Mediterrâneo dum azul inequalvel tempera no inverno, e, refresca no verão.

E aí nesse cenário maravilhoso, tão belo que chega a ser quasi irreal, o jogo de azar instalou o seu solar nesse ambiente de sonho, campeia infrene o mais estúpido e o mais nocivo de todos os vícios, e, pulula uma sociedade cosmopolita de ociosos e tarados, que numa volta de rolêta, numa cartada de banca francesa, arriscam, uma fortuna, a honra e muitas vezes a vida.

Esse Casino de Monte Carlo, prototipo do Casino de jogo, tem hoje rivais por todo o mundo.

Mas se esses Casinos e o jogo são perigosos para a humanidade, também se pôde dizer e com verdade, que só lá vai quem quer, e que nada há de perdido, porque trazem outras vantagens, são centros de turismo, atraem dinheiro aos locais onde estão instalados.

Mas hoje em dia, não é esse o jogo que desequilibra a sociedade: a elegância e o «chic» impuzeram como um dever de distincção um sinal de educação e de boa sociedade o «bridge» e a seguir ao «bridge» introduziu-se o «Ma-Jong».

Em face da elegância, do «chic» da distincção, a mulher não resistiu, é lá possível ser elegante e «chic» sem jogar?

Ainda que penteada por Antoine, vestida por Drecoll, pintada por Elisabeth Arden, a mulher de hoje não tem «chic», não é elegante, se não passar a sua tarde jogando o «bridge» ou o «Ma-Jong» fumando, «cigarrettes» de De Realké e bebendo os mais americanos dos «cocktails».

E eis que a mulher por snobismo se lançou no jogo, mas cuidado; a mulher é sempre uma apaixonada e o que começa a fazer porque é moda, arrasta-a à paixão e ao vicio.

Sem exagêro podemos dizer que a mulher da nossa época, tem mais do que o homem; a paixão do jogo, ou pelo menos, como tem mais tempo disponível, entrega-se a ela, com maior frenesi e com maior entusiasmo.

Os homens têm em geral, que fazer durante o dia e isso levamos a só jogar à noite.

A senhora elegante, que passa a sua vida por «Ma Jong» chega a começar a jogar às 4 horas da tarde e a jogar passa a tarde e a noite até à uma e duas horas da madrugada.

Serve-se um chá forte e bem confortavel, um cocktail mais tarde, uma ceia volante, e, as horas passam, voam, e, a mulher gasta a sua vida, o seu tempo a perder ou a ganhar dinheiro, sobre pedras chinezas gravadas, que nada são e se não compreendem. Entretanto os filhos se são pequenos estão entregues a criadas de maior ou menor confiança, e, as filhas se são crescidas a professoras estrangeiras, cuja moralidade se desconhece ou a si próprias nos seus instintos mais ou menos equilibrados.

A rapariga de hoje é muito criticada, é muito

censurada, mas nada há de mais injusto, quem deve ser criticado, quem mercede as mais acerbas, as mais ásperas censuras, não é a rapariga, que entra na vida e segue os seus impulsos naturais, que uma educação espiritual não disciplina, é a mãe que concededora da vida, ou tendo obrigação de o ser, sacrifica os seus

mais sagrados deveres à elegância e ao «chic», ou ao vicio e à paixão do jogo.

O que começa por distracção, por aborrecimento, por ociosidade, muitas vezes, acaba por ser uma necessidade, uma atracção, uma loucura que tudo faz esquecer.

E assim a vida vai correndo de «Ma-Jong», em «Ma-Jong» de «bridge» em «bridge» e a casa entregue a criadas vai pouco a pouco perdendo o seu conforto, o marido que se encontra só, procura outras companhias, e os filhos crescem, sem a direcção moral que só uma mãe pôde dar e as filhas não encontram ao seu lado o amparo de que a sua inexperiencia carece, na liberdade absoluta de que, ainda não sabem fazer uso.

Habituada a ver a mãe que é o seu modelo, porque para as filhas não há melhor modelo do que a mãe, embora infelizmente muitas vezes não seja assim, a seguir o impulso das suas paixões, perdendo horas e dinheiro no jogo, absorvida pelo seu decurso, esquecida de tudo o que não sejam as pedras ou as cartas; entregam-se ellas áquilo a que a sua inclinação as leva. Se tem boa indole, tudo vai bem e tudo se remedia, mas se por sua infelicidade, a natureza as arrasta para o mal, estão perdidas.

E de quem é a culpa? Das crianças inexperientes que não tiveram um guia seguro? Não! E' das mães que preferem uma vida de elegância ou de atracção pelo jogo, ao cumprimento daquilo que é o seu verdadeiro destino.

E' esta paixão pelo jogo, que a mulher está revelando, bem mais perigosa do que a que antigamente a mulher acusava o homem.

E' mau, muito mau, que o homem seja jogador, mas em geral é a parte material da vida da familia, que está em jogo, é uma fortuna, que se abala, é dinheiro que se perde.

Mas com a mulher jogadora, o caso é muito mais sério, é a desagregação da familia, é a moral em perigo, são os filhos sem carinhos e as filhas sem ter quem as oriente, na estrada cheia de precipícios da vida!

O que parece uma brincadeira, o que não tem importância aos olhos dos que só vêem na vida a parte superficial das coisas, é um caso gravissimo, de que se começa já a ver as consequencias no desenrolar da vida diária.

Não é nos casinos, não é no jogo de azar que está o grande perigo para a vida social de hoje. Os casinos são uma atracção dos lugares de turismo e nada mais.

E' bem mais sério para a vida moderna o «bridge» e o «Ma-Jong» entre amigos, quando de distracção ocasional, passa a ser modo de vida de todos os dias, porque afecta com isso a parte vital da vida da familia.

A familia que constitui a mais sagrada das instituições, que mantém e torna sólida uma sociedade bem constituída, não pôde estar à mercê do «Ma-Jong».

A mulher tem mais sagrados deveres do que jogar o «Ma-Jong», tem uma missão mais elevada do que jogar o «bridge» e se é natural e justo que tenha as suas distracções, não está bem, nem é direito que faça delias obrigações, desprezando a sua casa e abandonando os seus filhos.

E é isto que torna o jogo na vida moderna profundamente perigoso e verdadeiramente nocivo.

Em resumo: não se pretende que uma dama fuja de uma ou outra distracção como o faria da lepra ou qualquer outro flagelo arrepiante. O que deve é evitar maus hábitos que, deformando-lhe a mentalidade, a forcem a enveredar por azinhagas cujo piso virá a tornar-se-lhe, tarde ou cedo, doloroso, insuportavel. Apenas isto...

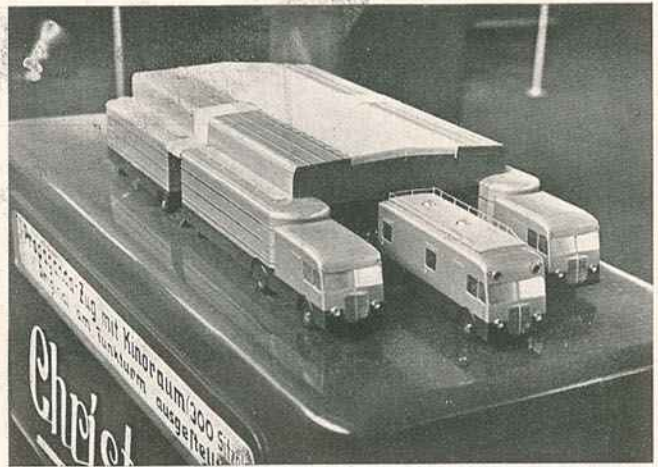
MARIA DE EÇA.



ACTIVIDADES ALEMÃS



Automóveis construídos em fibra sintética que apresenta maior capacidade de resistência que o aço



Um comboio automóvel armado em cinema que pode comportar trezentos passageiros e até mais



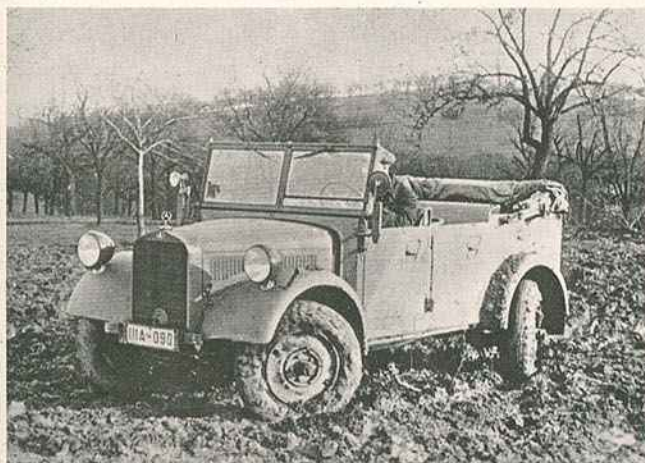
O auto-giro da aviadora Hanna Reitsch



Eixos de dupla condução nos novos «chassis»



O inverno nas pitorescas montanhas bávaras



Automóvel com 4 rodas de mando e 4 de condução para os mais escabrosos terrenos.



Três bruxas no carnaval de Ofenburgo nas margens do pitoresco lago de Constança

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; + ifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas.

RESULTADOS DO N.º 1

Decifradores — TOTALISTAS

Bacamarte, Yzinha, Mirna, Polybo, Ti-Beado, Visconde X, Zélia e M. A. P. M.

DECIFRAÇÕES

1 — Desmedido. 2 — Caso. 3 — Valedor. 4 — Querer. 5 — Estado. 6 — Escrito-esto. 7 — Cachucha-cacha. 8 — Aurora-aura. 9 — Cadeira ca-ra. 10 — Moafa-mofa. 11 — Regalo. 12 — Calado.

DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS DO ACTUAL CONCURSO

DECIFRADORES

Dicionário de sinónimos de J. S. Bandeira. Sorteado entre os decifradores que obtenham, pelo menos, 90% da totalidade de pontos, dentro do torneio.

Dicionário da Língua Portuguesa de A. Coimbra. Sorteado entre os decifradores que obtenham de 50% a 90%, da referida totalidade.

Adágios de António Delicado. Sorteado entre os decifradores de menos de 50% da totalidade.

PRODUTORES

Charadas antigas

Dicionário da Língua Portuguesa de F. Torrinha 1.º prémio
Adágios de António Delicado 2.º >

Charadas sincopadas, em verso

Contos e Lendas Mitológicas de Emile Genest 1.º >
Mitologia de J. S. Bandeira 2.º >

Logogrifos

Dicionário de Rimas de Costa Lima 1.º >
Rifoneiro de Pedro Chaves 2.º >

Enigmas em verso

Dicionário de Máximas e Adágios de Rebelo Espanha 1.º >
Adágios de A. Delicado 2.º >

Figuras e pitorescos

Dicionário de Máximas e Adágios de R. Espanha 1.º >
Rifoneiro de Pedro Chaves 2.º >

Novíssimas

Dicionário de Ligorne 1.º >
Breviário de Sylvio Alves 2.º >

Sincopadas

Últimos versos de Eugénio de Castro 1.º >
Obras póstumas de A. Garrett 2.º >

Mefistofélicas

Sonetos de J. Dantas 1.º >

Esta distribuição poderá ser ainda alterada se, como é de prever, viermos a receber dos nossos Ex.ªs confrades mais alguns prémios.

TRABALHOS EM VERSO ANTIGAS

1) Eu não direi, não digo que Ela fôsse de uma beleza helénica; não era. Mas tinha um tal encanto, um lindo olhar tão doce, e um ar de primavera, que tentariam . . . até mesmo um Ssnto

Ao princípio falávamos os dois, em simples cavaqueira, como bons camaradas que ao Amor

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 10

não prestam atenção. Mas o diabo tece-as . . . e depois quem haverá no mundo pecador que possa dominar seu coração?

Desta maneira, — 1 foram-se as nossas almas habituando àquele encantamento, àquele brando, grato almejar incerto e vago, que lembra as águas de um lago com donairosos cisnes a vogar . . .

Sem cuidados nem zelos, — 2 o tempo decorria docemente, e nem um só dos íntimos anelos nos afforava à mente!

Porém, um dia, aquela suave acalmia transformou-se:

o lago azul revoltou-se, fez-se Mar-alto, gritante . . . e o seu peito no meu peito, e a minha bôca na sua, vivemos aquela hora perturbante

2) É bastante comum, entre confrades, Os elogios sem par e sem cadência. É o Mestre, é o Ilustre, é o Vocelência, Em leilão, numa feira de vaidades.

E nessa exposição, as sumidades, Passeiam pela mão, a Impertinência. Mas segue ao lado, a tal Maledicência, Que às vezes dá p'ra dizer duas verdades . . .

Vaidosos! É preciso ter cuidado . . . E eu tenho tanta vez vociferado, Com a força de tódta a minha fúria:

Acabem lá com isso! Os elogios São, além de lisonjas e atavios, Palavras afrontosas e de injúria. Lisboa Recambale (T. E.)

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

- 3) Progrida para ser sábio e vigoroso. 1-2. Lisboa Mirna
- 4) Limpa ou disfarça essa lista para que se não conheça tão grande mortandade. 2-2. Lisboa Agasio
- 5) Expulsi a «mulher» do Viola, por me roubar a camisola. 2-2. Leiria Magnate (L. A. C.)
- 6) Vantagem! Eis, após, o nascimento, o pré-fício da educação dos judeus. 1-2. Lisboa Adeusinho (L. A. C.)
- 7) A mulher sedutora na corrente, tem o seu destino. 2-2. Luanda Dr. Sicascar (L. A. C.)
- 8) A alma ilustre dum português não consente uma afronta à sua bandeira altiva. 2-1-1. Biscaia Olegna (L. A. C. e D. A.)
- 9) Modere-se não diga tanto disparate! 2-1. Poço do Bispo Mirones (L. A. C.)

SINCOPADAS

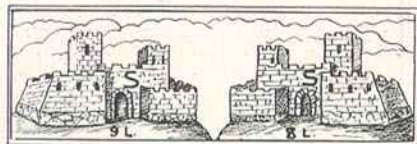
- 10) Quanto mais gigante mais estúpido! 3-2. Lisboa Rina (L. A. C.)
- 11) O que é muito rico também usa anel de cabelo. 3-2. Luanda Ti-Beado
- 12) Uns bons seios provocam certos atrevimentos . . . 3-2. Lisboa Visconde da Relva

MEFISTOFÉLICAS

- 13) Ser parvo é não ter o juizo todo ou é ser estúpido? (2-2)-3. Lisboa Jofralo (T. E.)
- 14) A poesia, feita por um idolatra, parece obra de um individuo extremamente avarento. (2-2)-3. Luanda Ti-Beado
- 15) Envergonha-se por lhe ter caído uma porção de comida sobre o peito. (2-2)-3. Lisboa M. A. P. M.

Tódta a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

16) ENIGMA FIGURADO



Biscaia Olegna (L. A. C. e D. A.)

Festas de caridade

No CASINO ESTORIL

Com uma enorme e selecta concorrência, efectuou-se no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção um baile de subscrição, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, residentes em Parede e Carcavos, da qual faziam parte D. Helena de Moraes Cardoso de Menezes, D. Josefina Lima Basto, D. Júlia Ribeiro da Cunha, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, e D. Rosinda Botelho Moniz, cujo produto se destina a favor da benemérita «Obra Maternal» de Parede, tendo-se prolongado a dança até de madrugada, sempre num crescente de animação e alegria.

Na assistência recorda-nos ter visto entre outras as seguintes senhoras:

D. Eugénia Soares de Oliveira, D. Cesaltina Carmona da Silva e Costa, senhora do comandante Xavier e filhas, D. Júlia Ribeiro da Cunha, senhora do capitão Perestrelo de Alarcão, D. Rosinda Botelho Moniz e filhas, senhora do tenente Soares de Oliveira, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Josefina Lima Basto e irmã, senhora de Almeida de Eça e filha, D. Helena de Moraes Cardoso de Menezes, senhora de Eurico de Moraes, D. Maria Madal na Azevedo Rua, senhora do dr. Pereira Leite, D. Ana de Vila Lobos de Mira Mendes, senhora do dr. Luiz da Fonseca, D. Alice de Sousa e Melo e filha, senhora de Fernando Neto, D. Hermínia de Almeida e filha, senhora de Filipe Reis, D. Maria Adelaide Boto de Carvalho, senhora de Azevedo Gomes e filhas, D. Rosa Barros de Matos Cid e filhas, senhora de Maximiano Alves e sobrinhas, D. Alice Azevedo Rua, senhora do capitão Alexandre de Sousa, D. Suzana de Castro e filha, senhora do dr. Manuel Pereira de Oliveira, D. Maria Marques Pereira, senhora de Carlos Santos, D. Maria Ribeiro da Cunha, senhora do dr. Salazar Leite, D. Maria Tovar de Lemos, senhora de Vergílio Ribeiro da Cunha e filhas, D. Maria Mateus Gomes e filhas, senhora de Paulo da Cunha, D. Maria Nunes de Almeida, senhora de Freire de Andrade e filhas, D. Angelina Pardal Monteiro, senhora de Augusto Cabral, D. Maria de Azevedo e Silva, senhora de Morris Elias e filha, D. Maria Miranda e filha, senhora de Tavares Duarte, D. Ana de Melo Breynner Cardoso de Menezes (Margaride), D. Maria Elisa Travassos Valdez (Bonfim), D. Irene e D. Catarina Duarte, D. Maria Ruela, D. Maria Rocha Pereira e irmãs, D. Maria Azambuja Martins, «miss» Do-net, etc.

TARDE DE CINEMA

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, realiza-se na tarde do dia 23 do corrente, no cinema Odeon, uma festa de caridade, cujo produto se destina a favor dos pobres da freguezia das Mercês sendo o programa composto de filmes de êxito garantido e de um acto de variedades, em que figuram a grande artista Palmira Bastos, Maria Lande, Mirita Casimiro, Estevão Amaranite, e João Vilaret.

Compõem a comissão organizadora as seguintes senhoras:

D. Amélia de Carvalho Maia, D. Amélia de Vasconcelos Távora, D. Ana Mayer de Carvalho, D. Antónia da Câmara Rebelo de Andrade, D. Berta Lupi, Condessa de Penha Garcia, Condessa de Penalva de Alva, D. Isabel Maria Carvalho, D. Julieta de Freitas Forjaz, D. Maria Adelaide Daux e Lorena Carvalho Nunes, D. Maria Alice Schroeter Pires, D. Mar a Amélia Oliveira Simão, D. Maria Augusta Forjaz Trigueiros, D. Maria Augusta Carvalho Nunes, D. Maria Canela Emídio da Silva, D. Maria Castelo Branco Arantes, D. Maria do Carmo Salgado, D. Maria Ferrão de Saldanha da Gama, Ponte, D. Maria da Graça Teixeira, D. Maria Izilda Pinto Bastos, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Luiza Velloso Salgado, D. Maria Margarida Mendonça de Sousa, D. Maria de Mercês Blanco, D. Maria Tereza Roma Machado, D. Maria Carlota Paiva Raposo Parreira, D. Estela Freitas Branco, Viscondessa de Botelho, Viscondessa de Sanches de Baena e Viscondessa de Riba Tamega.

Os bilhetes distribuídos devem ser satisfeitos na bilheteiras do Odeon nos dias 21 e 22 das 16 horas às 18.

Pela enorme procura que tem havido, tudo leva a crer que a tarde do dia 23 do corrente no Odeon, seja daquelas que marcam para sempre pela animação e elegância.

Diplomatas

A várias pessoas do corpo diplomático e das suas relações, ofereceram no salão do Palácio Hotel, do Estoril, onde se encontram hospedados, um jantar, o ilustre ministro da Dinamarca e sua esposa, a senhora de Boeck, tendo sido convivas as seguintes pessoas:

Embaixador do Brasil e senhora de Araújo Jorge, ministro da Bélgica e condessa de Lichtervelde, ministro dos Estados-Unidos da América e senhora de Pell, ministro da Argentina,

ministro da Polónia, ministro dos Países-Baixos, encarregado dos Negócios da Finlândia e esposa, encarregado dos Negócios do Japão, encarregado dos Negócios de Cuba, visconde e viscondessa de Riba Tamega, conde e condessa du Moulin-Eckart, conselheiro da Embaixada Bateman, secretário da Legação Locken e esposa, Guilherme Ferreira Pinto Basto e D. Branca de Atouguia Pinto Basto, dr. Mantero, senhora de Arce y Pilon Dowling, vice-consul dos Estados-Unidos da América e esposa, se-

VIDA ELEGANTE

nhora de Sillem; capitão Afonso dos Santos e senhora de Redard.

Carnaval elegante

A quadra do Carnaval de 1938, vista sobre o aspecto mundano, foi muito brilhante, tendo havido muitas reuniões particulares, as quais citaremos, as efectuadas nos seguintes palacetes, ao Campo Grande, às Avenidas Novas e ao Conde Barão, três grandes festas, que marcaram pela animação e elegância, também houve muitas festas em recintos pagos, das quais são dignas de nota especial as realizadas na noite de sexta-feira, no Clube Tauromáquico, que marcou pela selecção, na noite de segunda-feira, no Grémio Literário, esta pela animação e elegância, na terça-feira, no Aviz-Hotel, pela animação, elegância e selecção, isto quanto à capital, nos arredores, marcou sem contestação as efectuadas durante as quatro noites do Casino-Estoril, sobretudo a das noites de sábado e terça-feira, tendo nesta última atingido tal concorrência, que dificilmente se andava. Damos em seguida a nota da assistência à noite de sábado górdio no Casino Estoril:

Marquesa do Faial, condessa de Carnide, condessa de Avilez, viscondessa de Tojal, viscondessa de Sá da Bandeira, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Maria Helena Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Mar a da Glória Tavora de Noronha de Sá e Melo, D. Maria Carolina de Carvalho, D. América Rocha Melo e fil a, D. Maria Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, D. Elisa Reimoldes de Sousa Teles da Silva, D. Maria de Lourdes da Costa Sousa de Maceo Sasseti e filha, D. Maria Eugénia Teles da Silva Gonçalves, D. Maria Laura Magno Rodrigues, D. Antónia Taborada Couto Bandeira de Melo, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomásta Canas Pereira, D. Alice Nacas de Aguiar, D. Emilia Aranha Gonçalves, D. Laura Pinto de Gouveia, D. Cristina Campos Figueira, D. Berta Bastos Mendes e filha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Izabel de Freitas Branco da Silva Pais, D. Lucia Lopes Vieira Leite da Silva, D. Maria Borges de Souza Estácio, D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Estela de Avila de Freitas Branco, D. Maud de Mendonça e filha, D. Vanda da Fonseca de Barros Gones, D. Maria Teresa Velejo Soares Mendes, D. Maria Casimira Calheiros Mena e Silva, D. Maria Clara de Castro e Sola Soares Mendes, D. Maria Albertina de Mendon a da Costa Cabral, D. Maria Luiza Arriaga Ferrim da Cunha, D. Maria Adelaide Boto de arvalho, e D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Deys da Silva Pais, D. Laura de Figueiredo, D. Jeanne von Umgelen e filhas, senhora de Jolly, D. Maria Helena Nobre Andres-en da Costa, senhora de Alfredo de Abreu, D. Virginia Silva, D. Maria Teresa Sá da Bandeira de Arriaga, D. Antónia Homem de Melo, D. Maria Emilia Camacho Marques Pinto, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo, D. Carmen Abudarahm Buzaglio, D. Maria Dorotea Coutinho Seides, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Irene de Sequeira de Avila, D. Sara Leão da Fonseca, D. Olimpia Teles de Faria da Cunha e Silva, D. Suzana Andressen da Costa, D. Maria da Piedade Ordaz Pinto Cardoso, D. Maria José Caldeira Coelho, D. Maria de Lourdes Portocarrero da Câmara Mesquita, D. Maria José Canas da Costa e Silva, etc., etc.

Casamentos

Presidido pelo prior da freguezia reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa, pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial do Santo Condestável, à rua do Patrocinio, o casamento da sr.^a D. Izabel Maria d'Orey Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), gentil filha da sr.^a D. Maria Izabel d'Orey Corrêa de Sampaio e do nosso querido amigo sr. D. José Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), com o sr. António Posser de Andrade, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey e D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, respectivamente avó materna e tia paterna da noiva e de padrinhos os irmãos sr.s João e José Posser de Andrade. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual fôram executados no órgão vários trechos de música sacra; foi servido na elegante residência dos avós maternos da noiva sr.^a D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey e de Frederico de Albuquerque d'Orey, à travessa do Patrocinio, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para uma digressão pelo estrangeiro.

— Em Avintes, celebron-se na capela do Estabelecimento Humanitário do Barão de Nova Sintra, o casamento da sr.^a D. Fernanda de Vasconcelos Sá Ferreira, interessante filha da falecida professora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, sr.^a D. Olívia de Figueiredo de Vasconcelos e Sá Ferreira e do sr. dr. Mário de Vasconcelos e Sá Ferreira, distincto professor do Liceu, com o sr. dr. José Marques Teixeira de Oliveira, filho da sr.^a D. Camila Candida Teixeira de Oliveira e do sr. Vicente de Oliveira, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Amália de Vasconcelos e Sá Ferreira, avó paterna da noiva e D. Maria Rita de Oliveira Angela, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Américo Monteiro Soares, presidindo ao acto o reverendo Albino de Almeida, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Serviram de caudatárias as meninas Maria de Lourdes e Florinda Lourenço Ferreira, conduzindo as alianças o menino José de Sousa Barbosa.

Finda a cerimónia a qual as educandas do Estabelecimento Humanitário, cantaram vários trechos de música sacra, entre os quais figurou uma «Avé Maria» da autoria do professor de música sr. Cipriano Gil, foi servido no salão de mesa do mesmo estabelecimento, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas em viagem para o Norte, onde fôram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria do Carmo Munhoz Almeida, esposa do sr. Adelino de Almeida. Mãe e filho, encontram-se felizmente bem.

— A sr.^a D. Maria Antónia Cabral Gentil de Heredia, esposa do sr. D. António Heredia e filha do ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Francisco Gentil, teve o seu bom sucesso, assistida pelo ilustre cirurgião professor sr. dr. Costa Sacadura. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— No Porto, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Elvira Correia Barbosa de Meneres Campos, esposa do sr. João Meneres de Castro Campos. Mãe e filha estão felizmente bem de saúde.

— Feve o seu bom sucesso no Porto, a sr.^a D. Maria Adelina Spratley da Silva Pinto de Oliveira, esposa do tenente sr. Alfredo José Ferraz Vieira Pinto da Silva. Mãe e filha encontram-se bem.

A sr.^a D. Maria Luiza Alves dos Santos Charneca Fernandes, esposa do nosso colega na imprensa sr. Charneca Fernandes teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão felizmente bem.

Baptizados

Em Londres, celebrou-se o baptizado do menino D. João António, gentil filho dos sr.s. condes de Estarreja (D. Isabel e D. Luiz), tendo servido de madrinha sua avó materna a sr.^a condessa de Lavradio e de padrinho seu avó paterno sr. conde de Estarreja, que se fez reserantar pelo avó materno sr. conde de Lavradio.

— Na paroquial de Oeiras, celebrou-se o baptizado do menino Abílio, interessante filho da sr.^a D. Ana Maria de Sousa Botelho de Matos e Noronha Pais de Ramos e do capitão de cavalaria e ilustre professor sr. Abílio Pais de Ramos, servindo de madrinha a sr.^a D. Maria da Graça Nogueira Jordão Pereira e de padrinho o sr. dr. Carlos Candido Pereira.

D. Nuno.

UM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — R. 2
Ouros — R. 10, 3
Paus — 10, 5, 2

Espadas — V.	N	Espadas — 8, 6, 5
Copas — 10, 6	O	Copas — D. 4
Ouros — 8, 5	E	Ouros — 7, 6
Paus — V. 8, 6	S	Paus — 7

Espadas — 10, 7, 2
Copas — 9, 8
Ouros — D. 1
Paus — D. 9

Trunfo copas. **S** joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 7 e., **O** — R. e., **N** — 3 e., **E** — 4 e.
N joga V. e., **E** — 10 p., **S** — 3 p., **O** — 2 p.
N joga 4 p., **E** — D. p., **S** — A. p., **O** — 8 p.
S joga A. e., **O** — 9 o., **N** — 2 o., **E** — 7 o.
S joga 9 e., **O** — V. p., **N** — 6 e., **E** — 5 e.
N joga 10 e., **E** — 10 o., **S** — V. e., **O** — ouros
ou paus e **S** faz as duas vasas.

Se quando **N** joga V. e., **E** se balda a ouros, **S** balda-se também a ouros e **N** repete ouros, seguindo o jogo a mesma orientação, devendo **S** regular as suas baldas pelas de **E**.

Se quando **N** joga V. e., **E** se balda a espadas, **S** balda-se a ouros. **N** joga ouros, seguindo o jogo da mesma forma, mas fazendo **S** mais uma vasa em espadas.

Os pontos do dado

(Problema)

Se atirmos com um dado sobre a mesa, ficando o 5 virado para cima, qual é o número que ficará na parte de baixo, junto à mesa?

Será 1, 2, 3, 4 ou 6?

Bonita metáfora

De uma dama das suas relações disse amavelmente o espirituoso príncipe de Ligne:

«Uma feiticeira, que se chama a Adversidade, julgou prejudicar o seu parecer, derramando-lhe sobre a cabeça uma chuva de prata.»

Seria difícil dizer com maior delicadeza e de modo mais agradável, que uma dama tem cabelos brancos, antes da idade de eles deverem aparecer.

Duma outra dama disse o mesmo príncipe, mas desta vez com um bocadinho de malícia: «Ifisa é uma aristocrata de virtude; não fala senão a gente que, como ela, tem desta dezeses quartéis.

Compra de mulheres

Na Ouganda, uma boa esposa custa, em média, quatro touros, uma caixa de cartuchos e seis agulhas de coser. Uma mulher cafre, segundo a sua categoria social, vale desde duas a dez vacas. Na Tartária, o marido compra a mulher ao pai, por manteiga. Entre os Mishuris, um homem rico paga a sua esposa por vinte bois, mas se é pobre, pode comprar uma mulher por um porco.

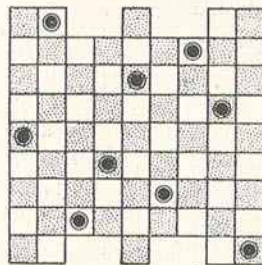
Em Timorlan, não se compra uma mulher sem se darem uns dentes de elefante. Entre os Fidjios, dá-se um dente de baleia.

Incendiário alado

Um pardal, na Alemanha, agarrou num cigarro que ainda tinha lume e deixou-o cair, ao voar, sobre o telhado duma casa, o fogo irrompeu e o telhado ficou destruído.

Os nove tentos

(Solução)



Eis os nove tentos colocados de modo a nenhuns deles se encontrarem na mesma linha, nem horizontal, nem vertical, nem diagonal.

Ventoinha

A propósito da versatilidade, tornada regularmente notória, de Voltaire, o qual não tinha dúvida em rebaixar, com referências mordazes, nos tempos adversos ou depois de terem abandonado a vida ou perdido a sua amizade, aqueles a quem havia exaltado com hiperbólicos louvores em dias prósperos e quando tinha conveniência pessoal em lhes grangear a estima, contaremos o seguinte caso:

O duque de Choiseul, célebre ministro de Luiz xv, tendo caído em desfavor, perdido o poder e retirado da corte, soube que Voltaire transferira, para o ministro que lhe sucedeu, os versos que para êle compusera antes de perder a sua alta situação. Contentou-se, porém em tirar dêle uma espirituosa vingança. Mandou colocar no seu palácio de Chanteloup, para onde foi viver exilado, uma ventoinha, tendo como remate uma cabeça modelada pela do poeta, e sobre a qual fez gravar esta inscrição: *Je tourne à tout vent.*

O rei de Inglaterra conta, entre os seus súditos, mais mahometanos que o sultão da Turquia, mais hebreus que a Palestina, e mais negros que os que existem nos Estados de qualquer príncipe africano.

O fio quebrado

(Passatempo)



Trata-se de reconstituir este fio quebrado e ir de A até B, sem cruzar nunca o traço que se desenhar.

Em 1836 foi publicado na Europa, com o nome de Herchel, que ao mesmo tempo estava fazendo estudos astronômicos no Cabo da Boa Esperança, um livro em que se descreviam os descobrimentos admiráveis que se haviam feito na lua. Esta era povoada pelos seres de formas extravagantes, tais como homens com asas de morcêgo, carneiros desconumais, etc.

O astrónomo Gruithassen, mais recentemente, também julgou poder localizar, próximo do equador da lua, uma fábrica com inco milhas de diâmetro.

Origem da palavra «pagão»

Os povos dos campos persistiram ainda muito tempo depois do imperador Teodósio, no seu antigo culto do gentilismo: e, por isso, aos sectários da antiga religião deram o nome de *pagãos*, *pagani* do nome das vilas pequenas chamadas *pagi*, onde deixaram subsistir a idolatria até ao século viii; de sorte que o nome de *pagão* não significa senão camponês, aldeão.

E' surpreendente a velocidade com que as lontras caminham debaixo de água. Nenhum peixe as alcança na carreira. Em alguns pontos da Índia, os indígenas têm lontras amestradas para pescarem com elas. Quando terminam o trabalho, atam-nas a uma estaca por meio de colares de palha e elas depressa se acostumam a estar amarradas.



O chefe do escritório (para a pretendente ao lugar de dactilógrafa): — O defeito que eu lhe acho, é a menina ser muito bonita... mas enfim, talvez os meus empregados não repararem nisso.

(Do The Happy Magazine)

A aparecer brevemente:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,

o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., broch. **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de
água do mar quentes, Banhos
CARBO-GAZOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverizações e In-
lações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATER-
MIA. Raios Ultra-violetas e In-
fra-vermelhos. Electricidade mé-
dica. MECANOTERÁPIA e
Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos**, segundo a importância
da compra, **sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um grande successo de livraria

À venda a nona edição, revista

11.º MILHAR

F Á T I M A

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a cores e oiro . . **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

Êste mundo e o outro

O outro mundo — Arca de Noé — Este mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juízo final

1 volume de 298 páginas, brochado 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado 10\$00

Pelo correio à cobrança 11\$50

Edição especial numerada, assinada pelo autor Esc. 25\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo entrecabo romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviam-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Divida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance duma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor
- Uma mulher ideal
- Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.ª edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
- ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.ª edição), br. 3\$00
- CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

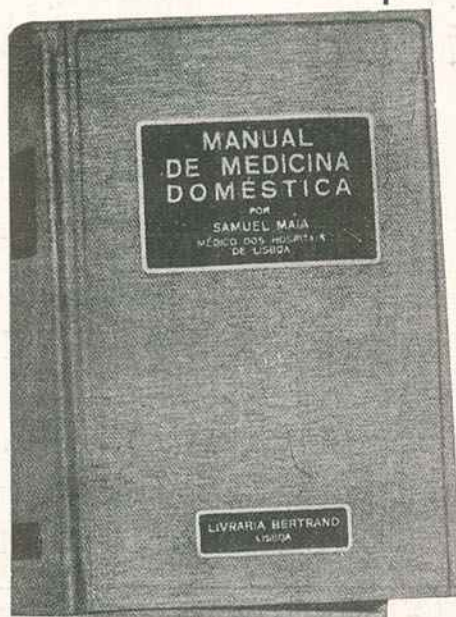
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



Venda a prestações contra entrega imediata da obra.
O cliente paga a 1.^a prestação e pode levar para casa
os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio
que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por
uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.^o prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.^a prestação,
pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA